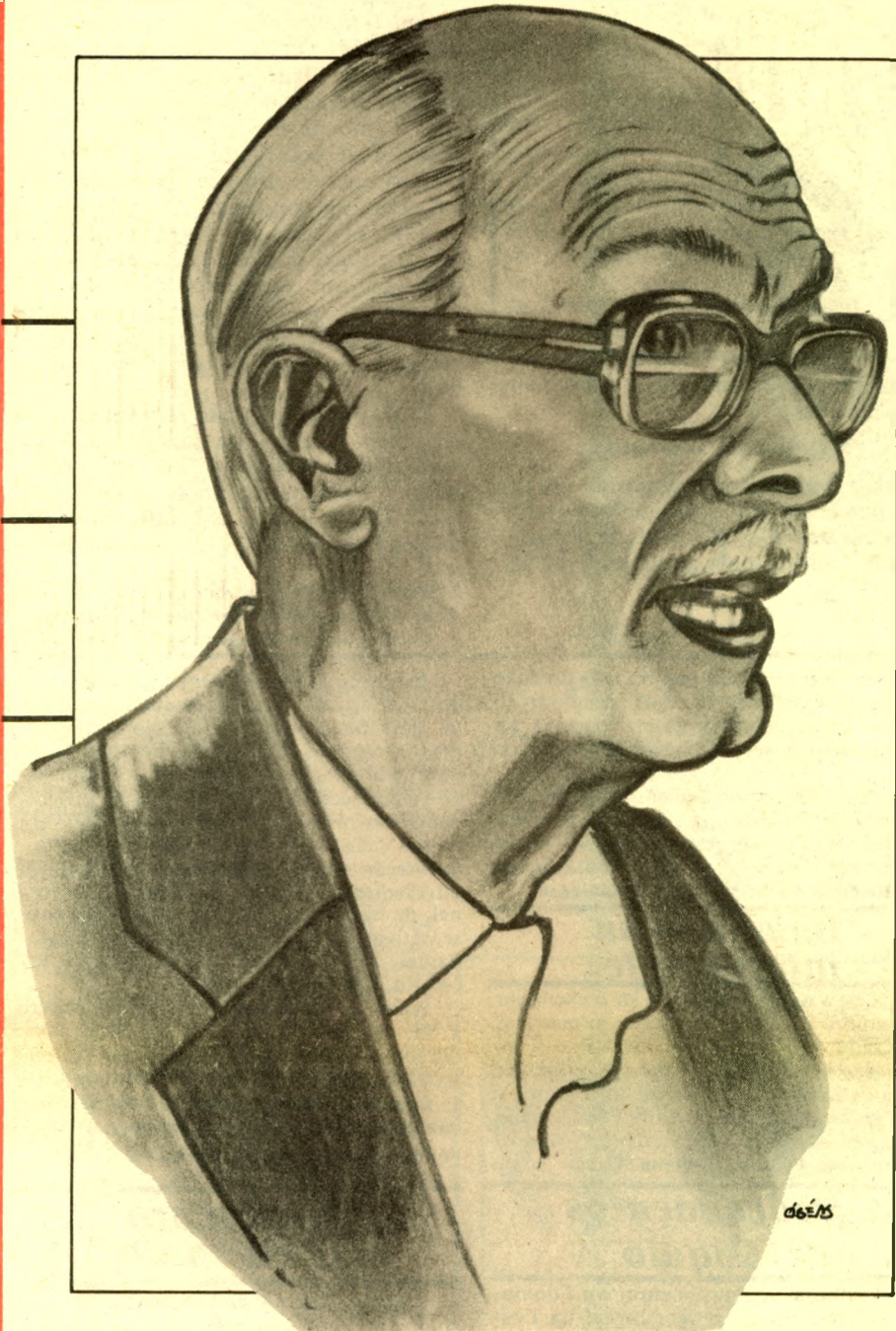
jornal da UNICAMP

Campinas, fevereiro de 1988 — Ano II — n.º 17

Candido, a justa homenagem

Paradigma do ensaísta e do moderno professor universitário, Antonio Candido recebe na Unicamp o título de "Doutor Honoris Causa" e fala de crítica literária, Modernismo e de seus 40 anos de magistério. **Página 7.**

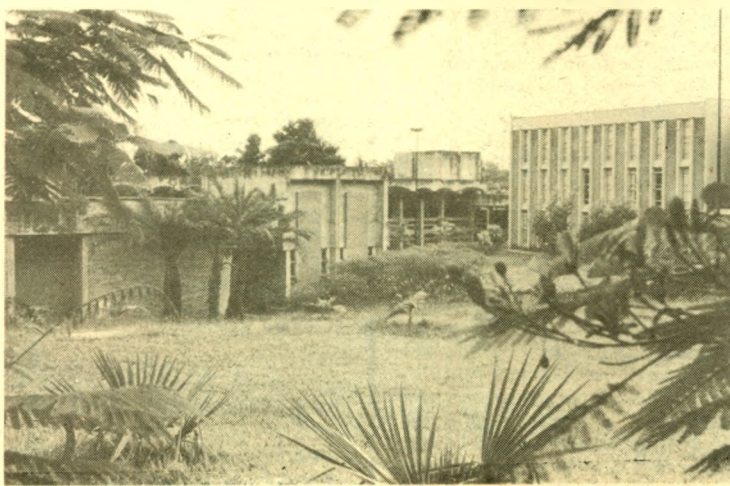
A informática a serviço da agricultura

O Cepagri da Unicamp desenvolve um programa informatizado de orientação agrícola para 30 diferentes culturas. **Página 3.**

A aventura de Etienne na tribo dos Kaapor

A longa convivência do antropólogo Etienne Samain (foto) com os hábitos dos índios Urubu-Kaapor resulta em importante trabalho de documentação musicográfica. ***Página 5.***

IEL

Uma das mais jovens unidades de ensino e pesquisa da Unicamp e, não obstante, uma das mais consistentes. Na última página, um perfil do Instituto de Estudos da Linguagem.

O IEL nasceu em 1976, a partir de uma concepção inovadora.

Mário de Andrade e Zeferino Vaz: que une os dois?

Poucos sabem que há um forte traço de união entre ambos, embora tenham desempenhado na vida papéis completamente distintos. Veja na **página 6.**

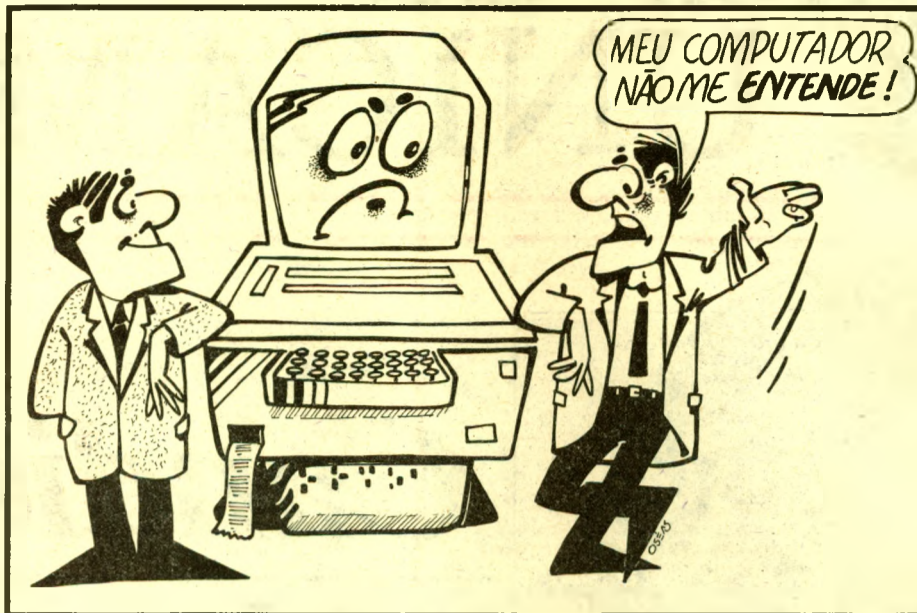
Opinião

Robôs na mesa de negociação

Márcio Amazonas

A robótica industrial é irresistível e irreversível. Os robôs vêm-se tornando mais eficientes e mais baratos. Mas essa evolução é mais lenta que o previsto, ganhando-se tempo para preparar a chegada de uma nova era na indústria manufatureira; é o que indica um estudo recentemente publicado pela Organização Internacional do Trabalho.

Até o final desta década, a população de robôs dos principais países desenvolvidos do Ocidente vai triplicar ou mesmo quadruplicar. No entanto, a robotização é um negócio arriscado e nem sempre traz as vantagens e resultados esperados. A direção da produção começa a reagir com mais prudência à visão da terra prometida profetizada pelos pesquisadores da indústria mecânica. A Volkswagen, por exemplo, principal utilizadora de robôs na Alemanha, consagra apenas de 4 a 7% de seu fundo de investimentos à robotização. Na Inglaterra, 44% das empresas que começaram a utilizar robôs conheceram problemas e 22% abandonaram completamente a idéia, por falta de "know-how" e de mão-de-obra qualificada ao nível da produção.

Apesar disso a robotização é, em seu conjunto, uma opção viável. A máquina pode trabalhar dia e noite, aumentar a produção, melhorar a qualidade do produto e a competitividade da empresa. Um robô pode substituir de dois a cinco operários, custando menos de um terço do salário de um deles, no caso da indústria automobilística norte-americana. As tarefas simples ou perigosas serão confiadas a robôs, inevitavelmente.

Mas qual é a alternativa?

No mundo competitivo de hoje, a obsolescência do equipamento industrial e o declínio da atividade são uma ameaça muito mais grave para os trabalhadores do que a robotização. Aparentemente não há correlação entre os altos índices de desemprego e o uso de robôs. A Europa ocidental, que utiliza relativamente poucos robôs, vive uma época de desemprego, ao passo que o Japão, país que mais utiliza robôs, tem o menor índice de desemprego dos países da OCDE.

É claro que estas considerações não trazem o menor reconforto para os trabalhadores, cujos empregos estão ameaçados. Os robôs devem ser convidados à mesa de negociações.

Os inevitáveis problemas de emprego e de sociedade que a robótica cria só encontrarão uma boa solução em clima de confiança e compreensão mútuas, evitando que os trabalhadores sejam vítimas de decisões impostas que ignorem seus interesses legítimos em relação ao emprego, salário e formação, assim como às condições, organização, segurança e higiene do trabalho.

"A robotização não saberia excluir o homem e, afinal de contas, é ao homem que ela deve servir", conclui o estudo. "Somente quando a inovação melhorar realmente as condições de vida dos interessados, é que ela será aceita."

Márcio Amazonas graduou-se pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp e atualmente faz pós-graduação na França.

CARTAS

Vestibular: aplausos e sugestões.

"Antes de mais nada devo dizer que, ao término da leitura do **Jornal da Unicamp** (recebi-o, no final do exame da 1.ª fase, 88), senti-me motivado a enviar esta correspondência, principalmente quando li na página 2 do jornal que a Unicamp está aberta a críticas e sugestões.

Para sair do anonimato, farei uma breve apresentação. Sou estudante de computação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Curso o 1.º ano. Estaria no 2.º se não tivesse trancado a matrícula, a fim de prestar o histórico vestibular da Unicamp. Mesmo sendo aprovado apenas da 1.ª fase do exame, fiquei contente, pois conheci toda a extensão do concurso. A experiência foi positiva e gratificante.

Sem sombra de dúvida, a Unicamp entrará na história do ensino brasileiro como a mola-mestra da reestruturação do sistema educacional do País. Com provas que exigem maior capacidade de raciocinar, relacionar e interpretar, a Unicamp está dando mais do que um passo decisivo na evolução do ensino. Ela está valorizando o estudante como um ser pensante, no sentido exato da palavra. Esse processo, pelo qual passa a educação, é irreversível, visto que, em pouco tempo, houve significativas adesões. Acredito que, a médio prazo, já se começará a sentir os reflexos nos meios políticos, econômicos, sociais e culturais, pois um país é o retrato do seu sistema educacional.

A Universidade de Campinas enviou, aproximadamente, dez mil correspondências aos variados segmentos ligados à educação no País. Mais do que aprovação, a Universidade recebeu apoio efetivo de várias instituições. Lembrando que a Unicamp ostenta uma liderança nata (visto que, desde os primeiros anos, reuniu alguns dos mais expressivos intelectuais e pesquisadores da época), seria interessante que a mesma, juntamente com outras instituições que acordaram para a nova realidade, acelerasse o processo de reformulação do ensino. É preciso que se promova, ostensiva e sistematicamente, palestras e debates com as Secretarias Estaduais de Educação e Universidades, em diferentes localidades do País. Não é inviável. O insigne educador e realizador Zeferino Vaz dizia: 'Basta acreditar na capacidade realizadora dos homens'. Ou ainda: 'O homem só não consegue o que não deseja'.

Foi muito interessante a iniciativa da Unicamp em facilitar o ingresso de candidatos procedentes dos mais variados pontos do País através de um vestibular a nível nacional. No entanto, seria mais interessante se as Universidades, de modo geral, além de estimularem programas interdisciplinares, mantivessem um intercâmbio maior, onde pesquisas, atividades científicas e acadêmicas pudessem ser feitas de modo conjunto. **Universidade**, Universo, o saber deve ser universal. Evidentemente que uma total reestruturação é indispensável, mas é preciso que haja iniciativas para que o País se torne uma **única Nação**, que deixe de ser apenas um aglomerado de ilhas e que de mãos juntas possamos equacionar nossos problemas.

O grande homem Zeferino Vaz disse: 'O cientista deve ser avaliado e prestigiado não apenas pela originalidade de sua produção, mas sobretudo por sua capacidade de formar e estimular discípulos que lhe multipliquem a produção, acelerando o caminho da ciência'. Por extensão, poder-se-á dizer o mesmo em relação a uma instituição de ensino e pesquisa. Não sei se é um equívoco, mas tenho a impressão de que as universidades brasileiras vivem em constante competição, como se fossem empresas que visam o lucro. É preciso acabar com isso. Na atual conjuntura, mais do que nunca, precisamos nos unir para o bem comum da Nação.

Li um trecho da 'Folha de S. Paulo' edição de 28/12/86, p.A-25, que continha o seguinte: '**Folha** — Na opinião do Sr., qual seria o ensino ideal do 1.º e 2.º graus? **Bornhausen** — Eu acho que o ensino ideal, em termos de um país como o Brasil, que é um continente, nós não vamos alcançar...'. É triste imaginar o País entregue a tal tipo de autoridade. Enfatizando: a sociedade deve tomar a iniciativa, não se pode esperar indefinidamente por uma atitude realmente reformuladora do ensino, por parte do governo.

Voltando um pouco ao vestibular, seria importante questionar a segunda fase do exame, não em termos de conteúdo (que por sinal é elogiável), mas em quantidade. As 32 questões, considerando que boa parte delas continha mais de um item, deviam ser respondidas em quatro horas. Deve-se saber interpretar, raciocinar matemática, biológica e historicamente. De certa maneira, o número de questões força o estudante a não raciocinar. Lembrando que, para desenvolver uma linha de raciocínio, gasta-se mais tempo e este é o maior concorrente do vestibulando. O aluno responde quase que mecanicamente, ou seja, utiliza mais a memória e com 'jeitinho' soluciona a questão. Deve-se ressaltar que essa situação torna-se mais delicada diante das atuais circunstâncias do ensino, isto é, a atual metodologia desfavorece o candidato.

No dia 6/5/87, o jornal **Diário do Povo** publicou, na p. 4, o seguinte: 'O vestibular da Unicamp foi considerado de alto nível pelos professores do Curso Objetivo. Com provas bem elaboradas, dentro do programa estabelecido, o vestibular só peca pelo tempo exíguo que os candidatos tiveram para responder as questões'. Se eu não me engano, a própria Fuvest reduziu o número de questões da 2.ª fase, para que os candidatos tivessem maior tempo de raciocinar. Realmente, o fator tempo é essencial para se desenvolver o raciocínio.

Não se está questionando o vestibular. Essa é a melhor maneira de abordá-lo, sem dúvida alguma. Tanto que o número de abstenções este ano (5.62% — um dos mais baixos dos últimos anos) foi uma prova de respeito que os candidatos têm pelo exame, segundo o reitor da Unicamp, Paulo Renato (F. São Paulo, 30.11.87, p.A.17).

A função social que a Unicamp desempenha é exemplar, quando se sabe que ela desenvolve programas assistenciais junto à comunidade e, ao mesmo tempo, empenha-se em busca de tecnologias de ponta. Juntamente com essa gama de atividades, talvez não seria muito se a Universidade criasse um núcleo de apoio ao trabalhador rural. Inicialmente, aplicado à região de Campinas, esse trabalho poderia proporcionar maior estabilidade ao homem da terra, além de incentivar-se a preservação do meio ambiente. Conforme os resultados, a divulgação dessa grandiosa tarefa poderia ser um modelo a ser copiado pelo resto do País.

Não, não sou um Policarpo Quaresma. Eu acho que o nosso país necessita de grandes iniciativas, que, respaldadas pela sociedade, modifiquem o cenário." **Júlio César de Oliveiros Tavares, Goiânia, Goiás.**

Baiana acha interessante

"Tive a oportunidade de ler o exemplar de outubro e achei interessantes as matérias abordadas no mesmo. Isto me foi possível, uma vez que a Universidade Estadual de Feira de Santana deve receber regularmente seus exemplares. Faço o Curso de Ciências Econômicas, nesta Universidade." **Manoel A. Oliveira, Feira de Santana, Bahia.**

Agradecimentos de Tóquio

"Comunico o recebimento, em Tóquio, do primeiro exemplar do 'Jornal da Unicamp' e agradeço muitíssimo sua gentileza em enviá-lo. Gostaria de prosseguir recebendo esses exemplares e com isso estabelecer uma comunicação profícua entre a Unicamp e a UNU." **Heitor Gurgulino de Souza, reitor da Universidade das Nações Unidas, Tóquio, Japão.**

Reparos à edição n.º 15

"Senhor Editor. Ao proceder à leitura do Jornal da Unicamp n.º 15, Ano II, de dezembro de 87, nos causou estranheza a ausência de menção de fatos importantes que determinaram a vida da Unicamp. Entre eles, citamos a intervenção ocorrida em 1981 por parte do então governador do Estado, Paulo Salim Maluf, e as duas consultas à comunidade para escolha do reitor, sendo que a última criou a possibilidade de ascensão ao cargo do atual reitor, Prof. Dr. Paulo Renato Costa Souza.

O balanço dos primeiros 21 anos da Unicamp deveria necessariamente contemplar esses fatos, para que se possa recuperar a verdadeira história da Unicamp e não se perder 'a mania de ver tudo com os olhos críticos e criativos'.

Estranhou-nos também o quadro do nosso ponto de vista extremamente ufanista, desenhado pelo Jornal. No momento em que estamos em um movimento grevista para recuperação de nosso poder aquisitivo, e conhecedores das profundas dificuldades em manter o nível da qualidade do ensino e da pesquisa em decorrência de deterioração das condições de trabalho, devemos lamentar também a ausência, no jornal, da história de luta das entidades representativas de docentes, funcionários e estudantes, que tanto contribuíram para forjar, na luta, esta Universidade.

Além disso gostaríamos de informar V.Sa. que, de acordo com nossa ata de fundação, o primeiro presidente da Adunicamp na Assembléia da fundação." **Helena Costa Lopes de Freitas, presidente da Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp).**

"Faz escuro mas eu canto"

"Ao ler o Jornal da Unicamp 'O balanço de uma jovem universidade' eu me lembrei de umas palavras, se não me engano do Thiago Mello: 'Faz escuro mas eu canto...' Senti que vocês colocaram ali, no meio de nossa grande escuridão política, as coisas boas que aconteceram, acontecem e podem acontecer neste lugar que se chama Unicamp. A despeito de tudo, este é um bom lugar para se viver (e talvez para se aprender a ter esperanças...). Claro, a gente poderia pedir realismo. Mas não é o realismo que nos faz lutar. A política não se inicia na contemplação objetiva dos fatos mas na visão daquilo que pode vir a nascer, **a despeito** dos fatos. A Unicamp é um belo lugar. E é aí que podem surgir os sonhos utópicos que conduzem a um outro tempo." **Rubem Alves, assessor de Relações Internacionais.**

Um elogio vindo dos EUA

"Como gostaria que o jornal aqui da nossa escola tivesse a mesma qualidade do Jornal da Unicamp." **Mark L. Grover, bibliógrafo de estudos latino-americanos, Brigham Young University, EUA.**

jornal da UNICAMP

Uma publicação da Universidade Estadual de Campinas

Reitor — Paulo Renato Costa Souza
Coordenador Geral da Universidade — Carlos Vogt
Pró-reitor de Graduação — Antônio Mário Sette
Pró-reitor de Pós-Graduação — Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Pesquisa — Hélio Waldman
Pró-reitor de Extensão — José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento — Ubiratan D'Ambrósio

Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas, SP. Telefones (0192) 39-3134 - 39-3148. Telex (019) 1150.

Editor: Eustáquio Gomes — (MTb 10.734)
Redatores: Amarildo Carnicel (MTb 15.519), Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Graça Caldas (MTb 12.918), Paulo Cesar do Nascimento (MTb 14.812), Roberto Costa (MTb 13.751)
Fotografia: Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração: Oséas de Magalhães
Diagramação: Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Paste Up e Arte Final: Oséas de Magalhães e Clara Eli Salinas
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais, Clara Eli Salinas e Rosana Pires da Silva.

Unicamp informatiza seleção de madeiras

A enorme variedade de espécies arbóreas que compõem a flora brasileira dá margem a inúmeras dúvidas quanto à identificação e classificação das madeiras. A começar pela denominação: a mesma árvore recebe diferentes nomes de acordo com a região. A maioria dessas árvores, muitas vezes, é identificada inadequadamente, ou sequer conhecida. Essa interrogação é ampliada também quanto à aplicação do produto e a seu local de origem.

Preocupado em tornar acessíveis as respostas para essas questões, o prof. Antonio Ludovico Beraldo, do Departamento de Construções Rurais da Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp, utilizando-se de um método já rotineiro em outras atividades da faculdade, encontrou uma saida para o problema: a aplicação da informática na agricultura.

Em 1983, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) editou um "Manual de Identificação das Principais Madeiras Comerciais Brasileiras", contendo 268 espécies e 55 possíveis aplicações. Essa publicação é fruto de um trabalho desenvolvido basicamente em cinco etapas, sob autoria de pesquisadores do IPT.

Na primeira fase, a madeira passa por um processo de identificação anatômica, que permite distinguir qual a espécie em estudo. Após essa etapa, inicia-se o processo de caracterização fisico-mecânica, onde são realizados os testes de residência. Em seguida, a fase de preservação, onde ocorrem os testes químicos que tornam a madeira mais durável. Depois da secagem, visando evitar deformações posteriores. E, finalmente, a última etapa, a de recursos naturais, que permite checar a densidade da espécie por hectare.

A classificação de madeiras, agora mais simples.

Beraldo: facilitando a vida do empresário.

De posse desse material, Beraldo preocupou-se em tornar mais acessíveis essas informações. Para isso o primeiro passo foi informatizá-las. "Agora com o disquete gravado, estamos à disposição de todos os interessados em adquirir o programa", diz. O resultado já é visível: empresários do setor de produção de móveis já começam a recorrer à Unicamp.

O programa facilita muito a vida das pessoas que fazem da madeira, ou arte ou ofício. Beraldo cita, por exemplo, uma construtora que estava interessada em saber se uma determinada espécie, abundante na região e muito utilizada na confecção de caibros, poderia ser indicada para substituir outra mais rara: "Foi só acionar o computador e o resultado apareceu". Segundo Beraldo, este programa permite ao empresário reduzir custos e ampliar o leque de opções.

Múltipla aplicação

Uma espécie de madeira tem geralmente inúmeras aplicações. A cabreúva vermelha, por exemplo, também conhecida como bálsamo, pode ser utilizada em postes, em bola de boliche e em outras trinta aplicações. Encontrada com certa facilidade no Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Goiás, Paraná e Santa Catarina, a espécie é também conhecida, conforme a região, por quina-quina ou sangue-de-gato.

Existem madeiras mais nobres, muito procuradas pelos construtores de arcos de violino. Entre elas está a gombeira, encontrada somente no Pará. Outra utilizada para o mesmo fim é a maçaranduba. Com o programa, o interessado certifica-se, por exemplo, de que esse tipo de madeira é encontrado mais facilmente que a primeira: é nativa tanto na Amazônia como no Paraná. "Esta informação proporciona redução de tempo e dinheiro", garante Beraldo.

A constante preocupação em aprimorar seus conhecimentos relacionados ao assunto acabou por transformar o prof. Beraldo em um especialista no ramo de identificação de madeiras. "São freqüentes as solicitações de madeireiras da região no sentido de identificarmos amostras", diz. Em junho de 1987 o assunto foi objeto de tese de mestrado, sob o título "Métodos computacionais visando adaptar características anatômicas, físicas e mecânicas de madeiras nacionais para sua utilização tecnológica".

Visando repassar seu conhecimento, o pesquisador já organizou três cursos de classificação e identificação de madeiras: o primeiro, com caráter amplo, aconteceu no Colégio Técnico da Unicamp. O segundo foi realizado na indústria Singer, destinado especificamente ao pessoal da área de processamento de madeiras. O curso mais recente aconteceu em dezembro do ano passado, voltado para um público especial, os funcionários de carpintaria da Unicamp. "Foi um curso básico", diz. "O pessoal aprendeu a classificar as madeiras a partir da cor, do cheiro e do peso." O objetivo, segundo o pesquisador, foi permitir ao carpinteiro conhecer melhor o produto que é o seu principal elemento de trabalho.

Cepagri prepara agricultura do futuro

Instituições agrícolas, ou mesmo o pequeno produtor, poderão dispor, brevemente, de informações rápidas e seguras sobre o potencial agrícola de todas as regiões do Estado de São Paulo, sem precisar mais recorrer a longos e cansativos trabalhos de pesquisa junto aos órgãos técnicos, e a cálculos nem sempre precisos de tabelas de condições técnicas e hídricas. Todos esses dados, que antes demoravam meses para serem coletados e organizados, poderão agora ser obtidos em segundos, simplesmente apertando o teclado de um computador. Um programa para aptidão de culturas, totalmente informatizado, está sendo pioneiramente desenvolvido pelo Centro de Ensino e Pesquisa em Agricultura (Cepagri), da Unicamp, e deverá estar concluido até o final do semestre, oferecendo ao agricultor orientações completas sobre a viabilidade de 30 diferentes culturas em solo paulista, desde as mais freqüentemente cultivadas, como a cana-de-açúcar, até as menos exploradas, como o girassol e a seringueira.

O programa começou a ser desenvolvido há um ano com recursos da ordem de Cz$ 1,2 milhão, financiados pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pelo Fundo de Amparo à Pesquisa (FAAP) da Unicamp. Foi dividido em duas etapas: levantamento da situação climática no estado, com informações sobre indices pluviométricos, clima e temperatura, e minucioso estudo ecofisiológico e bioquímico das culturas escolhidas. O cruzamento desses dados no computador resultará no mapeamento completo de todo o território paulista, e através de cálculos estatísticos será possível orientar o agricultor quanto à possibilidade de ocorrer a condição climática necessária a determinada cultura na região analisada.

O computador ajudando no planejamento agrícola.

"A precisão das informações vai possibilitar cálculos para aptidão de culturas até mesmo em pequenas fazendas", ressaltou o engenheiro agrônomo Hilton Silveira Pinto, diretor do Cepagri. Segundo ele, o produtor terá condições de organizar seu planejamento agrícola de forma a evitar prejuizos que poderia sofrer com geadas, granizos ou estiagens prolongadas. Hilton esclareceu que São Paulo é apenas o estado "piloto" do programa, que pode ser desenvolvido para todo o território nacional e passar a orientar, principalmente, programas de financiamento agrícola do governo.

Indicando o clima

Para obter um quadro completo da situação climática em São Paulo, na primeira fase do projeto, os técnicos do Cepagri recolheram informações sobre os niveis pluviométricos diários de 1.200 postos da rede hidrométrica do Departamento de Água e Energia Elétrica (DAEE) — órgão da Secretaria Estadual de Obras e Meio Ambiente — relativos, em média, aos últimos 30 anos. O processamento desses dados está sendo concluido agora, após sete meses de pesquisa, e permite caracterizar o clima mais freqüente nas diversas regiões do estado durante o ano todo.

O estudo ecofisiológico e bioquimico, por sua vez, está sendo realizado em 30 diferentes culturas entre café, cana-de-açúcar, banana, citrus, mandioca, abacaxi, frutas de clima tropical, frutas de clima temperado, milho, algodão, arroz, mamona, soja, trigo, girassol, sorgo, feijão, batata, amendoim, tomate, batatinha-semente, seringueira, pinus, eucaliptos e hortaliças em geral. Nessa etapa, o Cepagri vem dedicando especial atenção ao estudo da aptidão agroclimática da seringueira em São Paulo, "uma região que apresenta condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento de seringais", revelou o engenheiro agrônomo Olinto Gomes da Rocha Neto, um dos responsáveis pelo programa de heveicultura do Cepagri. Ele explicou que o clima do planalto paulista (quente e úmido no verão, seco e frio no inverno) contribui para evitar o aparecimento do "microcidos Ulei", uma praga muito comum na região amazônica e que reduz a produtividade dos seringais. É também uma planta extremamente resistente a baixas temperaturas e esses fatores, associados a uma significativa rentabilidade em relação a culturas mais tradicionais, como café, cana e algodão, despertaram, há três anos, o interesse de produtores paulistas, que passaram a investir nessa nova cultura: só no ano passado, cerca de 15 mil hectares de seringueira foram plantados em São Paulo, especialmente na região de S. J. do Rio Preto, e a estimativa é que haja um crescimento de 25% ao ano. "Com o programa informatizado teremos condições de descobrir outras áreas favoráveis à seringueira no país e corrigir a atual carta da regionalização de heveicultura elaborada pela Superintendência da Borracha, do Ministério da Indústria e Comércio", observou Olinto Gomes.

Outros benefícios

Outras culturas também poderão ter seus critérios de plantio corrigidos ou aperfeiçoados após a conclusão do programa do Cepagri, destacou Hilton Silveira Pinto. Será possível, também, a exemplo do que está ocorrendo com a seringueira, pesquisar outras plantas e estudar sua viabilidade em áreas de interesse, bem como aprimorar o controle de pragas. Ele lembrou que o auxílio da informática reduziu enormemente o tempo dispendido em pesquisas semelhantes. Um dos trabalhos de aptidão que Hilton realizou pelo sistema convencional, com 32 culturas, consumiu seis anos e envolveu onze pessoas; com o auxílio do computador a mesma tarefa vem sendo executada há apenas um ano e com uma equipe de três pessoas — além de Hilton, atuam no projeto Jurandir Zullo Jr., analista de sistema, e o estagiário em programação Reginaldo Simom Ferreira. A Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), de Campinas, órgão da Secretaria Estadual da Agricultura, será responsável pela divulgação das informações em São Paulo.

Nos próximos dois anos, o Cepagri vai aprimorar o programa através de um sofisticado sistema de processamento de imagens enviadas por satélite. O novo equipamento representará um significativo avanço nas pesquisas de aptidão agroclimática, fornecendo subsídios para previsão de safras e análises comparativas de regiões já cultivadas com o indicativo de potencial agrícola real da área. Isso permitirá verificar, entre outros estudos, se o produtor explorou toda a potencialidade agrícola da região, ou se mudanças serão necessárias na metodologia de cultivo.

Cury: "Pasta de dentes não é cosmético."

Só 20% das pastas existentes no mercado contêm flúor.

Comparação das concentrações de flúor em pastas existentes no mercado brasileiro nos anos de 1980 e 1988.

Pastas dentais

Pesquisa aponta falta de flúor

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o prognóstico ideal para o ano de 2000, no que se refere à saúde bucal, é o de que toda criança acima de 12 anos não tenha mais que três cáries. Esse índice já foi obtido há algum tempo nos países desenvolvidos. No Brasil, os dados atuais indicam que crianças acima dessa faixa têm em média 10 cáries. Tem importante papel nisto a questão do flúor e das pastas dentais.

O odontólogo e bioquímico Jaime Cury, da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, vem há nove anos estudando o comportamento dos dentifrícios no Brasil, preocupando-se, de modo especial, com o flúor, um aliado importante para que as cáries atinjam um menor número de dentes.

O fato de os dentifrícios estarem ainda hoje na rubrica "cosméticos" — o que os livra de qualquer fiscalização — contribui também para que as pesquisas a respeito sejam pouco numerosas e, de resto, pouco aprofundadas. Jaime tem centrado esforço na questão da composição das pastas, cujo nível de eficácia, segundo ele, não tem sido dos maiores nos últimos tempos.

Basta ver seus primeiros testes, realizados em 1980, e compará-los com outros, "saindo do forno", neste início de ano. Há oito anos ele constatou que, de todas as pastas presentes no mercado, seis utilizavam flúor em sua composição. Decorrida quase uma década, são apenas 10 as pastas fluoretadas, num universo que representa apenas 20% das pastas disponíveis no mercado. Se se quiser um termo de comparação, basta dizer que nos Estados Unidos todas as pastas são fluoretadas.

Se o flúor ajuda no combate à cárie, por sua ação como placa inibidora à desmineralização do dente, sua aplicação requer por outro lado critérios técnicos. Jaime, que compra suas pastas diretamente no comércio de Piracicaba, surpreendeu-se ao analisar uma delas — muito consumida pelas crianças — e constatar que a pequena porcentagem de flúor encontrada já tinha reagido com o abrasivo. O abrasivo é a substância química insolúvel, que auxilia na limpeza mecânica do dente. O mais comum é usar o carbonato de cálcio, por sua incompatibilidade com o íon flúor. Em outras palavras, o flúor era apenas "enfeite".

Como aparece

O flúor pode aparecer nos dentifrícios de duas maneiras: como fluoreto de sódio, ou ainda em monofluorfosfato de sódio, o conhecido MFP. O MPF, por ser importado, é menos freqüente. Ao escovar os dentes com uma pasta fluoretada, o flúor ali existente pode ter dois destinos: um resulta na formação de apatita fluoretada (FA), um produto estável; o outro, no fluoreto de cálcio, instável, que numa segunda etapa pode se transformar na apatita. Essa etapa química fortalece a mineralização do dente, o que não ocorre na falta de flúor. É nessa situação que o dente perde cálcio, capaz de combater a sacarose que é ingerida normalmente.

O ideal (embora utópico), segundo Cury, seria que ninguém ingerisse sacarose — ou açúcar —, produto químico que ajuda na formação da cárie. Dados estatísticos mostram que no Brasil cada pessoa consome 40 quilos de açúcar por ano, número significativo. Só mesmo o aumento de pastas fluoretadas pode neutralizar o efeito devastador de tal consumo.

Quem é quem

Das 10 pastas de dentes fluoretadas do Brasil, a que contém maior índice de flúor é a Antitártaro, de acordo com as pesquisas de Jaime Cury. Tem cerca de 1300 ppm de flúor. Em breve no mercado, a Fluortrat, um lançamento da Monsanto, terá cerca de 1100 ppm de flúor. Jaime, por sinal, teve a participação na formulação desse novo produto, através de um convênio técnico-científico entre a Monsanto e a Unicamp. Este é, aliás, o primeiro aceno da indústria para com o trabalho do pesquisador. Apesar de trabalhar há anos com pastas fluoretadas, a resposta da indústria foi inexistente até então.

Embalagens

Não é só a porcentagem de flúor que preocupa Jaime. A embalagem dos tubos de pastas usadas no Brasil também deixa a desejar. Novamente comparando com os Estados Unidos, o pesquisador informa que naquele país não são usadas mais embalagens à base de alumínio, como as encontradas nas farmácias e supermercados do Brasil. O corriqueiro é o plástico, um prodtuo considerado caro no Brasil. O alumínio pode produzir metais pesados, como o chumbo. Lá, nos poucos casos em que se usa embalagens de metal, pelo menos a rosca da tampa do produto, local onde há maior contato do dentifrício, é feita de plástico.

Pela ineficácia de uma legislação própria, as pastas brasileiras não trazem nem a data de fabricação nem o prazo de validade. Assim, o consumidor fica à mercê da boa sorte em encontrar um produto recém-fabricado. Se pegar uma embalagem como a da "Mônica", cujo flúor já tinha reagido com o abrasivo, corre outros riscos mais do que o simples — nem tanto assim — problema da cárie.

Novos projetos

Desenvolver uma pasta fluoretada, com flúor estável e reativo é uma das preocupações do pesquisador da Unicamp no momento. O Projeto com essa finalidade já foi apresentado à Finep e deve ser iniciado em 89. Pode ser um passo a mais para a resolução dos problemas de muitos brasileiros, principalmente os que convivem, de maneira nada agradável, com a cárie.

Até lá, Cury e sua equipe desenvolvem outro projeto semelhante. Trata-se da análise careogênica da região de Piracicaba, com financiamento da Finep. Neste estudo é feito o acompanhamento de 360 crianças de escolas da periferia de Piracicaba, estudando-se fatores salivares e microbiológicos, além de medidas preventivas. Jaime está lutando, paralelamente, para reequipar seu laboratório.

Na capacidade atual, são feitas diariamente apenas 20 das 360 amostras colhidas nas escolas de Piracicaba. "Se tivesse melhor condição, como um aparelho de raio-X, por exemplo, entre outros necessários, esses mesmos testes de acompanhamento poderiam ser avaliados em um mês", prevê o pesquisador.

CPQBA simula todos os climas do país

Do calor úmido da Amazônia ao frio do inverno sulino, da canícula do Nordeste ao sol temperado do Sudeste, não há clima que não possa ser simulado nas câmaras de aclimatação do Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas (CPQBA), o conjunto de laboratórios adquirido pela Unicamp, em 1986, das indústrias Monsanto. Essas câmaras têm sido, por isto, responsáveis por importantes pesquisas desde então. São quatro câmaras de aclimatação, dispostas a fazer chuva e sol sempre que necessário.

Com as câmaras — explica Pedro Magalhães, gerente da divisão agrícola do CPQBA — nós podemos testar plantas em suas condições naturais, adaptando-as às condições da região de interesse. Um caso típico é a artemísia, uma planta do sul da Espanha. Para obter novas sementes dela, as câmaras do CPQBA simularam temperaturas mais baixas no início, durante dias mais longos, chegando a conclusões satisfatórias. O resultado foi a obtenção de novas sementes a partir de plantas trazidas da Europa, em condições de serem cultivadas em outras regiões.

Pedro e a artemísia: da Espanha para o Brasil.

As câmaras apresentam quatro funções básicas: simulam condições de umidade, temperatura, radiação e irrigação. A temperatura pode variar de —10 a 45°C, em tempos determinados por programação computadorizada. Com esses dispositivos, as câmaras servem para o levantamento de parâmetros em inúmeras pesquisas. Basta que se programe o previsto e se acompanhe as reações nesse tempo. É a fase laboratorial, passando-se à aplicação prática em novas etapas, inicialmente mediante estufas, depois através do trabalho de campo.

Seringueira

Uma pesquisa em andamento reflete muito bem a função das câmaras de aclimatação. Desde abril do ano passado que o Cepagri — Centro de Ensino e Pesquisa em Agricultura — vem fazendo testes para o plantio da seringueira em regiões do Estado de São Paulo. Como é sabido, a seringueira é uma planta de regiões quentes e úmidas. Em São Paulo sua plantação só mostrou resultados positivos em duas regiões, a de Rio Preto e a de Rio Claro.

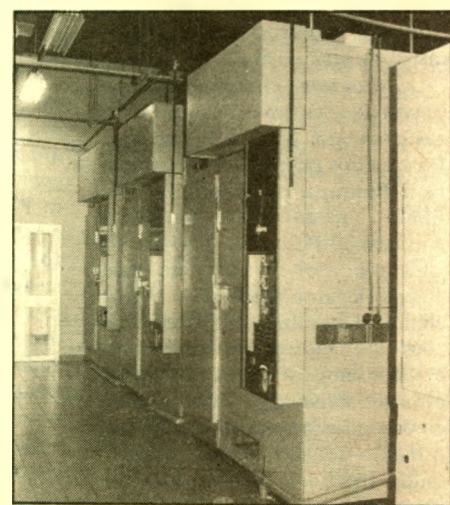
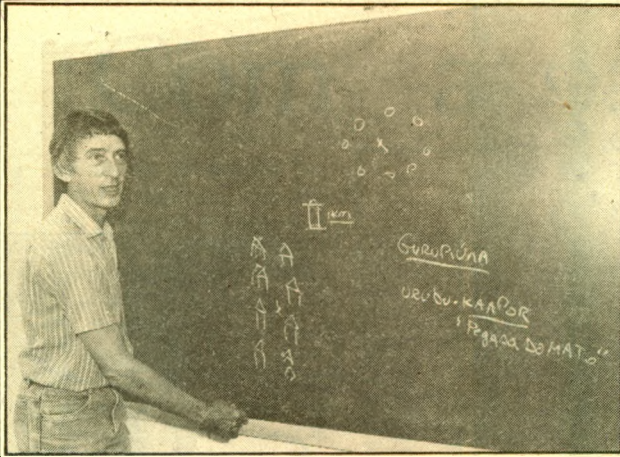
Com recursos da Embrapa, o Cepagri utiliza-se do CPQBA para suas análises e plantio experimental. O primeiro problema é descobrir a temperatura ideal para a vida da planta, já que as mudas não aguentam baixas temperaturas. Como geadas são comuns em São Paulo, espera-se chegar a condições ideais para a formação de mudas, uma vez que em outras etapas a aclimatação é mais fácil. As câmaras de aclimatação expuseram folhas da planta a temperaturas diferentes — levando-se em conta também as demais condições oferecidas pelo fitotron —, levando à conclusão, ainda não definitiva, de que sua morte letal ocorre a —7°C. Com esse dado confirmado, ficará possível aclimatar a muda da planta a temperaturas maiores do que essa.

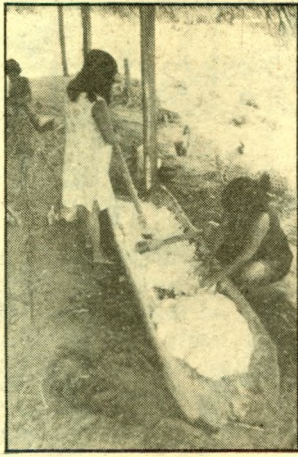
Como se trata apenas de uma etapa, a temperatura letal pode variar. Há ainda a necessidade de testes em outras etapas. Eles serão realizados em 88, quando também se pretende plantar 800 mudas produzidas nas condições paulistas, em dois hectares, ao lado do CPQBA, para posterior avaliação.

Plantas medicinais

A Unicamp conseguiu, no ano passado, financiamento da Finep, da ordem de 1 milhão de OTN's, para a implantação de seu Programa de Biotecnologia. Há diversos subprojetos, sendo um deles o "Estudo fisioecológico e fitoquímico de plantas medicinais brasileiras", que envolverão o CPQBA, os Institutos de Química e Biologia, além da Faculdade de Medicina da Unicamp. Esse subprojeto encontra-se em fase final de aprovação pela Finep e, com certeza, será implementado em 88. A função das câmaras de aclimatação no esquema será fundamental.

Algumas plantas medicinais caseiras, como o picão roxo, a espinheira santa e o guaco vão passar por uma série de testes. Pedro Magalhães aguarda apenas o início desse trabalho, já que as condições de teste constam do projeto. "Mas um grande campo para o uso da câmara de aclimatação tem sido quanto ao desenvolvimento dos produtos medicinais", destaca Magalhães.

E esse potencial vem sendo usado pelas indústrias. No ano passado, por exemplo, o Sindicato das Indústrias Farmacêuticas assinou convênio com a Unicamp para o estudo de seis plantas medicinais. Famosas por seus efeitos, elas não têm, contudo, uma comprovação tecnológica destes efeitos. A câmara de aclimatação, mais uma vez, vai dar sua parcela de colaboração. Faça chuva ou sol ...

As câmaras de aclimatação: da caatinga aos pampas.

O antropólogo Etienne Samain demonstra, no quadro negro, a disposição da aldeia Kaapor.

Musicalidade próxima do canto dos pássaros.

A tribo cultiva hábitos reservados.

Na aldeia de Grupiúna, a maior da reserva Kaapor, vivem cerca de 80 indígenas.

O canto dos Kaapor chega ao Sul

Ele enfrentou um dia inteiro de viagem em um sacolejante ônibus pela BR-316; atravessou perigosamente 18 cachoeiras durante três dias de viagem pelo rio Gurupy, no Maranhão, a bordo de um rudimentar barco a motor; depois, caminhou mais 50km mata adentro e conquistou a confiança dos integrantes de uma tribo indígena com melodias extraídas de um violão que trazia às costas. O protagonista de toda essa aventura — digna de um roteiro das grandes produções hollywoodianas, onde o herói consegue escapar ileso das mais incríveis situações de perigo — é o antropólogo Etienne Samain, coordenador dos cursos de pós-graduação do Instituto de Artes da Unicamp. Etienne conviveu seis meses com os índios Urubu-Kaapor, em território maranhense, entre 1981 e 1982, e a persistente observação dos hábitos sociais e das manifestações culturais da tribo resultou em um inédito trabalho de documentação musicográfica da comunidade indígena que pesquisou. Nos próximos dois meses, Etienne vai lançar um álbum com 43 gravações originais que realizou — 18 "cantigas" (música de flauta) e 25 "cantos de Pajés" — junto aos Kaapor, editado pela Gravadora Unicamp, "resgatando e preservando, com isso, o material sonoro de uma comunidade indígena ainda pouco estudada, e proporcionando subsídios relevantes para um exame comparativo mais amplo das expressões e formas de música indígena, em especial brasileira".

A quase totalidade dos índios Urubu-Kaapor no Brasil — cerca de 600 pessoas — vive hoje em território maranhense, em uma região de aproximadamente 530 mil hectares que se estende das cabeceiras do rio Gurupy (Oeste) até a atual BR-316 (São Luis-Belém) ao Leste. Os indígenas se distribuem em 18 aldeias, e foi em Gurupiuná, a maior delas, com 80 habitantes, que Etienne concentrou suas pesquisas, com apoio de uma dotação da Ford Foundation. "O principal objetivo do trabalho era aprofundar e ampliar nossas pesquisas específicas sobre a mitologia dos índios remanescentes de língua Tupi. Mas também aproveitamos para realizar uma série de gravações dos índios Kaapor", contou o antropólogo belga, desde 1973 no Brasil.

Etienne conseguiu reunir mais de duas horas de gravação, realizadas em várias etapas da rotina diária dos Kaapor. O pesquisador explicou que ocorreram geralmente à noite, de modo espontâneo, com a colaboração de toda a comunidade reunida na maloca do "chefe" Pimenta, monitor de enfermagem e funcionário pago pela Funai, o único habitante da aldeia capaz até hoje de expressar-se razoavelmente bem em língua portuguesa. As produções musicais Kaapor, de acordo com Samain, se dividem em duas modalidades principais: as "cantigas", melodias executadas com uso único de flauta, e os "Cantos de Pajés", que o ritmo das maracas pontua expressivamente. As primeiras, embora obedeçam "padrões" musicais definidos, deixam ao artista indígena uma verdadeira margem de improvisação e de composição pessoais. "São, na maioria dos casos, melodias que, ao aludir ao mundo dos pássaros, considerados mediadores entre o mundo da natureza e o chamado sobrenatural, expressam o caráter, o estilo e a maneira reservada de ser deste povo." As segundas, esclarece o antropólogo, introduzem no misterioso mundo dos espíritos que povoam o universo dos indígenas. "Além dos espíritos dos mortos, os espíritos das matas e das águas regem até certo ponto os destinos dessa nação indígena. São seres ou objetos que passam a ser agentes de uma possível decodificação e compreensão de tudo que pode ameaçar a coesão do grupo social, como doença e morte, ou perturbar suas normas e regras habituais de conduta e de vida." Ele também executou um trabalho semelhante junto aos índios Kamayurá, no Alto Xingu, mas, infelizmente, as fitas foram roubadas de seu apartamento no Rio de Janeiro.

Projeto integrado

O projeto de documentação musicográfica dos Urubu-Kaapor reúne especialistas de diversas áreas do Instituto de Artes da Unicamp. O suporte financeiro vem do Ministério da Cultura (Cz$ 500 mil) e da Fundação de Amparo à Pesquisa (Cz$ 270 mil), órgão da própria universidade. O álbum já se encontra em fase de produção, e será acompanhado de um encarte com comentários de Etienne situando as composições escolhidas no seu contexto sóciocultural e artístico. Achille Guido Picchi, do Departamento de Música, vai analisar a relevância da música indígena na obra de Heitor Villa-Lobos, enquanto o compositor Almeida Prado dará impressões pessoais sobre a estrutura musical das melodias. Uma reflexão sobre a bioacústica dos Kaapor será assinada pelo ornitólogo Jacques Vielliard, e a professora Nelly de Camargo, do Departamento de Multimeios, comentará as relações entre produção artística e Ciências da Comunicação.

Tanto o folheto, como capa e contracapa do álbum, terão ilustrações selecionadas entre 300 fotos do cotidiano dos Urubu-Kaapor registradas pelo antropólogo. A professora Berenice H. V. de Toledo, do Departamento de Artes Plásticas, vai coordenar todo o planejamento gráfico, com artefinal de Ivan Avelar e Jerônimo Noboru Ohnuma. A apresentação geral do trabalho ficará a cargo do diretor interino do Instituto de Artes, Bernardo Caro, e a produção musical será de José Ribeiro de Paiva, da gravadora Unicamp. "Vamos oferecer um produto integrando ciências humanas, ciências da comunicação e artes", resumiu Etienne. "Será um documento audiovisual, na plena acepção de sua palavra, combinando dimensões artísticas como música, fotografia e diagramação, e exigências didáticas da comunicação nas Ciências Humanas."

Paralelo a esse projeto, Etienne Samain desenvolve a paciente tarefa de interpretação da mitologia recolhida entre os Kaapor, composta por 30 diferentes mitos. "A decodificação da mitologia é um instrumento fundamental para o conhecimento mais profundo de uma sociedade indígena, pois as normas e comportamento, nas sociedades ágrafas, são regidas, sobremaneira, pelos mitos", justificou o professor.

Um museu ecológico de História Natural

Idealizado há cerca de cinco anos por um grupo de professores do Departamento de Zoologia e Parasitologia do Instituto de Biologia, o Museu de História Natural da Unicamp torna-se agora realidade. Um prédio de três andares abrigará o Museu, que deverá entrar em pleno funcionamento ainda no decorrer do primeiro semestre deste ano.

As finalidades do Museu são múltiplas. Pretende atuar em três frentes: ensino, pesquisa e extensão. Moldado com características específicas que o diferenciam de outros museus similares, o Museu de História Natural da Universidade pretende ir além das informações de rotina que envolvem as coleções. Informações globais da comunidade em que vive cada organismo serão acopladas a cada material ali depositado, abrindo assim o leque para novas investigações.

Um projeto ousado

O projeto do Museu é ousado. Normalmente, a principal tarefa de um museu é a sistemática que envolve a catalogação e classificação de material. Esse trabalho é complexo e exige um corpo de sistematas, cujo serviço é fundamental para o trabalho de outros pesquisadores. A manutenção de coleções de organismos, plantas e bichos é também muito cara e difícil, em função dos cuidados exigidos para a sua preservação.

Por falta de coleções diversificadas e um número suficiente de especialistas em sistemática, muitas vezes os pesquisadores são obrigados a recorrer a coleções de referência depositadas em Museus de outros países e contar com a boa vontade de colegas de trabalho — brasileiros e estrangeiros — para poder dar continuidade a seus trabalhos.

Na verdade, o Museu de História Natural da Unicamp não quer duplicar esforços, repetindo ali informações já existentes em outros importantes Museus de referência no Brasil, como os de Zoologia de São Paulo e o Nacional do Rio de Janeiro. Sua principal característica são as coleções "ecológicas", formadas por diferentes pesquisadores em seus trabalhos de campo. Em função disso, pretende reunir maiores informações biológicas do que as comumente existentes nos Museus.

"Queremos ir além do lugar-comum e transformar o Museu em algo dinâmico e funcional", explica seu coordenador, o prof. João Vasconcelos Neto, do Departamento de Zoologia. Cada organismo será apresentado no contexto de seu ambiente. Nesse sentido, todos os recursos serão usados para reproduzir o ambiente natural, conjugando a diversidade de ambiente entre aves e plantas.

No caso das coleções entomológicas, por exemplo, além dos insetos espetados com informações mínimas de sua procedência, haverá todo um material-testemunho da planta hospedeira (na qual o bicho se alimenta). Essa planta será colocada no herbário já existente no Instituto de Biologia. A composição das informações biológicas envolverá ainda, sempre que possível, a reprodução de vegetação característica ao lado do animal, além de farta documentação fotográfica, em vídeo, de gravações de cantos (no caso de aves) ou ainda coleção de rastros (pegadas). Cada bicho come de um jeito. Alguns insetos cortam a planta na nervura, outros na borda. Essa diferença, por si só, ajuda na identificação dos grupos de organismos que estão atacando as plantas: seus inimigos naturais. Pela riqueza de informações biológicas que deverá conter o Museu de História Natural da Unicamp, já está sendo chamado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de Museu Ecológico.

De caráter multidisciplinar o Museu contará inicialmente com o apoio e antepa-ro das coleções dos departamentos de Zoologia, que inclui a Ecologia, a Parasitologia, a Anatomia e a Botânica. Pretende, aos poucos, contar com a participação de outras áreas da Universidade. Além das coleções disponíveis, iniciará outras visando o preenchimento gradativo das lacunas existentes.

Ensino, Pesquisa e Extensão

O tripé de finalidades fundamentais da Universidade — ensino, pesquisa e extensão — será amplamente atendido pelo Museu. No âmbito do ensino, o Museu foi estruturado para atender a alunos de graduação e de pós, atendendo a estagiários dos dois níveis. Com laboratórios montados especificamente para estes objetivos, substituirá com vantagens as salas de aula. Atividades práticas até então inexistentes poderão agora ser oferecidas.

Vasconcelos: "Não queremos um museu comum, mas algo dinâmico e funcional."

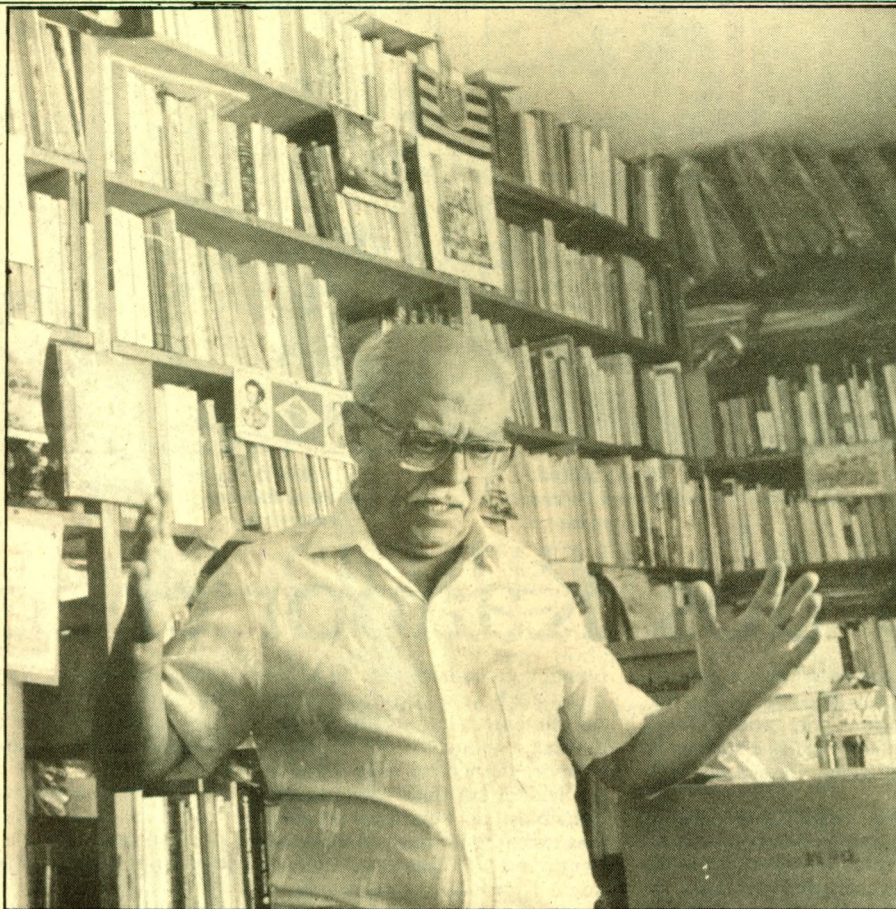
As coleções científicas para atender ao desenvolvimento dos trabalhos dos pesquisadores, com depósito de materiais-testemunho fruto de coletas de pesquisadores da Universidade, visitantes ou expedições estrangeiras, contribuirão substancialmente para o surgimento de novas linhas de pesquisa.

A área de extensão, que atualmente se limita a visitas acanhadas aos departamentos, onde os alunos dos colégios de 1.º e 2.º graus sentem falta de um ambiente próprio para dar conta da curiosidade natural sobre os organismos, ganhará muito com a criação do Museu. Um andar inteiro do prédio foi preparado para essa finalidade. O atendimento ao público em geral contará com exposição de animais, painéis fotográficos, ambiência do animal com flora e fauna correspondentes, e uma sala de aula com bancadas especialmente montadas para práticas que possibilitam a demonstração mais completa possível e do objeto de estudo.

São ao todo 600m² de área destinados a laboratórios equipados com microscópios, lupas, freezers, estufas, bancadas, salas de exposição pública, de coleções científicas e de todo um acervo acústico e visual. Pretende também contar com uma Câmara de Fumigação para melhor preservação do material. Um banco de dados informatizado possibilitará o cruzamento de informações visando a catalogação e a recuperação, sempre que necessário.

A organização do Museu, sob a coordenação do prof. João Vasconcelos Neto (Ecologia), conta com o apoio dos professores Ivan Sazima (Zoologia), Vilma Clóris (Anatomia), Ângelo Pires Prado (Parasitologia), Thomas Michael Lewinshon e Maria Alice Garcia (ambos da Ecologia). O chefe do Departamento de Zoologia do Instituto de Biologia, prof. Benedito Ferreira do Amaral Filho, que possibilitou o depósito das coleções do Departamento do Museu, ao lado do diretor do Instituto de Biologia da Universidade, prof. Antonio Celso Magalhães, são grandes entusiastas do projeto.

Para Magalhães, a criação do Museu de História Natural representa uma "conquista importante para a Universidade, que assim instala o seu primeiro museu". Segundo o diretor, "o Museu não terá uma estrutura estática de espécimes da História Natural. Terá um caráter dinâmico e pretende inclusive reunir coleções vivas. Quer também servir de estímulo à criação de novos tipos de museus na Universidade para o culto da memória e das conquistas dos vários ramos da ciência".

Zé Bento (no centro) foi o traço de união entre Mário de Andrade, fundador do Modernismo...

... e Zeferino Vaz, criador de universidades e fundador da Unicamp.

História

Que há entre Zeferino e Mário de Andrade?

Há José Bento Faria Ferraz, que já foi secretário de ambos e hoje é, por isto mesmo, uma memória viva das duas grandes personalidades.

Aos 75 anos, o mineiro José Bento Faria Ferraz — ou o "Zé Bento" da já clássica e vasta correspondência do escritor Mário de Andrade — tem como poucos um turbilhão de histórias para contar. E com uma vantagem: dada a natureza dessas histórias, praticamente tudo o que conta tem valor histórico. O próprio José Bento tem consciência disso, tanto que, num canto de sua casa, forrada de livros, esconde-se um armário repleto de fitas-cassete — cópias dos depoimentos que ele vem concedendo vida afora.

Por trás desse interesse público está o fato de José Bento ter sido, de 1934 a 1945, secretário particular do escritor paulistano Mário de Andrade ("Macunaíma", "Amar verbo intransitivo") e, de 1951 a 1964, do educador Zeferino Vaz. Um, o pai do Modernismo brasileiro, movimento de renovação cultural que eclodiu em 1922, e outro talvez o maior criador de universidades — entre elas a Unicamp — que o País já teve.

"Tive a felicidade de ser o traço de união entre duas personalidades tão impressionantes, tão díspares e ao mesmo tempo, sob certos aspectos, tão semelhantes", diz José Bento com um travo de comoção que ainda hoje chega a lhe umedecer os olhos. Zeferino morreu há sete anos, Mário há 43. Mário era alto ("mais de metro e oitenta"), emocional e tímido. Os 160 centímetros de altura de Zeferino não eram obstáculo para seu temperamento expansivo, corajoso e prático. Ambos fumavam desbragadamente e eram cultíssimos: sempre que pensa neles, Mário aparece discorrendo a Zé Bento com um cigarro entre os dedos, e Zeferino, de piteira em riste, não pára de bater a cinza e de perorar sobre algum fenômeno epidemiológico.

Em 1934, José Bento tinha 22 anos e era aluno do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde Mário lecionava. Tinha sido aprovado num concurso para a Coletoria de Tambaú, no interior do Estado, e foi aconselhar-se com o escritor. — "Como? Abandonar o Conservatório, o curso?" A conversa se deu num restaurante da Av. São João, onde Mário costumava jantar. — "Não largue nada", lhe disse o escritor: e então contou que, como sua irmã ia casar, ele estava precisando mesmo de um secretário. E ofereceu-lhe o lugar: salário modesto mas, em compensação, também uma jornada de apenas três horas, das 7h30 às 10h30.

Em que consistia o trabalho? Desinfecção de livros, manutenção da ordem na biblioteca do escritor, pagamento de pequenas contas (quase sempre compras de livros), recebimento e expedição da correspondência, datilografia de originais. Embora vivesse do salário do Conservatório, que não era muito, Mário era um bibliófilo apaixonado. O número 546 da rua Lopes Chaves, endereço que se tornou uma espécie de templo para boa parte da intelectualidade paulistana, vivia repleto de volumes. E estava sempre chegando mais.

A correspondência era extensa: eram cada vez mais numerosos os jovens que lhe escreviam de todo o País. Ele nunca deixava de responder a uma carta, e o fazia sempre generosamente. Segundo José Bento, este seu costume teve origem no seguinte: quando jovem, ele mandara seus poemas parnasianos ao poeta Vicente de Carvalho, em busca de uma opinião. Calou nele o fato de que o poeta santista nunca lhe respondeu. Mário jurou então jamais deixar uma carta sem resposta. E assim foi com Fernando Sabino, Pedro Nava, Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Murilo Miranda, Oneyda Alvarenga — entre tantos outros — muitos deles extremamente jovens na época. Essa correspondência, uma das mais vastas da epistolografia literária brasileira, vem sendo até hoje reunida em volumes de grande interesse historiográfico. Sua correspondência recebida, por outro lado, em razão de cláusula testamentária que o próprio Mário estabeleceu, só poderá ser dada a conhecimento público em 1995, isto é, meio século após a morte do escritor.

Teria Zeferino conhecido pessoalmente Mário? José Bento acha que não. No entanto havia um ponto de ligação entre ambos: o artista plástico Antônio Paim, recentemente falecido, muito amigo de Zeferino e que nos anos 20 ilustrara algumas das revistas da primeira fase modernista. Zeferino tinha interesse pelo teatro e lia principalmente livros de psicologia, matéria em que se iniciou com o psicanalista Durval Marcondes. Era grande conhecedor de pintura, e embora fizesse alguma restrição à arte moderna — segundo d. Arlinda Rocha Camargo, secretária geral da Unicamp — não se furtava a freqüentes e amigáveis discussões com Niemeyer, Portinari e Pietro Maria Bardi. Seu livro de cabeceira era "O Primo Basílio", de Eça de Queiroz.

Haveria algum traço de caráter que, na opinião do secretário, uniria os dois patrões? Certa simplicidade generosa. Uma das grandes alegrias de Zeferino era parar nessas pequenas pastelarias chinesas. Às vezes ele mandava parar também em açougues e padarias: motoristas que o serviram lembram-se com saudade dos grandes pacotes de pão e carne de primeira que levavam para casa — presente do chefe. Mário, mesmo quando ficou chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, interrompia reuniões para mandar comprar pencas de banana maçã. Depois a reunião prosseguia em meio a um cerrado banquetear de bananas.

O bom humor que mantinham diante de situações difíceis transmutava em amargura quando se tratava, para eles, da ingratidão humana. Depois de um excelente trabalho à frente do Departamento de Cultura, Mário em 1938 foi exonerado pelo prefeito Prestes Maia, a mando do Estado Novo. José Bento lembra-se do dia em que isto aconteceu; Mário, transtornado, lhe disse: "Acabou-se". Em 1962, dez anos depois de ter criado e insuflado vida à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, ainda hoje uma das melhores do País, Zeferino soube que os alunos haviam promovido o seu enterro simbólico em praça pública. Profundamente ferido, exclamou: "Pois enterraram o próprio pai".

Zeferino, contudo, reagia a tais situações criando situações novas que mais adiante iam fertilizar outras. Foi assim que, ao deixar a FMRP, dedicou-se a construir a Unicamp. Para o ultra-sensível Mário, entretanto, aquela exoneração foi fatal: entristeceu, começou a beber, deixava-se abater pelos menores problemas (ver carta inédita abaixo). Morreu poucos anos depois, de complicações cardíacas. Foi também o coração que matou Zeferino, em 1981, três anos após sua aposentadoria compulsória.

Uma carta inédita de Mário

Ao longo de sua vida, Mário de Andrade manteve uma prolífica correspondência com escritores como Fernando Sabino, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Oneyda Alvarenga e Murilo Miranda. Vários volumes póstumos reunindo essas cartas apareceram após sua morte em 1945. Com o passar do tempo, o surgimento de um inédito de Mário, por mais trivial que seja, nunca deixou de causar sensação. A carta que se transcreve abaixo, enviada a seu secretário José Bento Faria Ferraz, é rigorosamente inédita. A ortografia foi atualizada, mas respeitou-se a grafia, peculiar ao escritor, de termos como si, milhor, desque.

S.Paulo, 26-VI-43[1]

Zé Bento

Aqui vai o relatório do SPHAN[2], repare bem na data pra enviar. Me esqueci de perguntar a V. si mandou o telegrama para Liddy Chiaffarelli[3]. Bem sei que V. não esquece estas coisas, mas me lembrei disto depois de chegado aqui e não há meios de me sair da cabeça, desculpe. Não precisa me responder, mas si acaso esqueceu, escreva a ela contando que esqueceu e tudo fica certo. Mais uma vez me desculpe, mas ando de uma fragilidade, não sei si moral, si intelectual incrível. Todos me dizem fisicamente milhor, é possível, me alimento muito, e são, tomo bastante sol. Mas não me sinto nada bem, não consigo dormir e qualquer idéia se obsessiona no meu espírito, que vibra de tinir, vibra de doer. Quis vir pra sossegar, não pensar em nada, mas eu acho que principalmente a resposta do Sérgio e a bobagem do Luís Martins[4] foram golpes muito fortes pra mim neste momento. Resolvi me calar mas esta resolução foi antes pra me livrar de mim mesmo, pois cheguei a escrever dois artigos de contra-resposta e iniciar um terceiro. Mas aí, a hipertensão (ilegível) foi tamanha que tomei a resolução final de parar, me calar, não pensar mais na coisa porque sinão o espírito estourava de ressentimento e dor. Não era questão de sensibilidade não, o ressentimento não era de coração, era esquisito, o pensamento é que chorava de se ver tão desrespeitado, tão tolhido pela leviandade alheia, não sei. Teve um momento, na noite de quarta pra quinta em que passei apenas por um entresono leve, de repente me acordei, fazia uma hora, pouco menos que me deitara. E foi horroroso, palavra, porque não dormi nem mais um segundo a noite inteira, sem poder mudar meu pensamento de lugar. Nem lendo eu conseguia me livrar da obsessão, lia, não compreendia, estava pensando na outra coisa.

Eu sei que as compensações são muitas e não enormes. Mas a tragédia dos indivíduos apaixonados que nem eu, deve ser isso mesmo: pessoas que a gente conquista, assim que conquistadas como que não nos interessam mais, pelo menos é certo que não nos contentam. E a gente vive feito cachorro sem dono, lambendo o saco dos que não nos compreendem. É feroz, Zé Bento. Afinal eu sou um sujeito agüentado nas incompreensões e nos ataques, já devia estar calejado. Mas não sei porquê, estas incompreensões e levianices de agora me afetaram particularmente. Sobretudo a do Sérgio, está claro. Não sei si é porque eu, envaidecido com as compreensões, antes, os "respeitos" que me ofereceram um Antonio Candido, um Carlos Lacerda, e mesmo um Álvaro Lins em seus artigos sobre mim, não sei si é o enfraquecimento da doença[5], ou talvez seja a diferença de um sofrimento novo, mas me parece que poucas vezes o meu espírito deve ter sofrido tanto como agora, me sinto desalentado, v. não imagina. Me sinto mesmo desarvorado, destituído de resistências.

É amargo: justamente agora que eu tenho duas compensações enormes, o artigo admirável do Roger Bastide (você viu, no "Estado", corte, guarde e compre mais uns quatro ou cinco. Siga sempre o "Diário de S. Paulo", que não tenho aqui), o artigo do Roger Bastide sobre minha poesia e um ipê roxo que floriu aqui na chacra. Pois não valeram de nada. Faço de propósito: releio lento o estudo do Bastide, gozando, me esforçando por gozar a fineza, a profundeza das observações mas não sinto nada. Noutra época, noutro estado de espírito, eu imagino só que compensação seria para a minha, ponhamos, vaidade, esse artigo. Eu me glorificava todo, ficava alegre. Ficava feliz. Agora, da primeira vez que li, tive uma dor tão aguda, tive que parar no começo (ilegível), porque só estava imaginando era na outra coisa. E este ipê sublime, árvore adulta de copa enorme que é um roxo violento, dado a vermelho, imenso, no meio do céu. Uma coisa destas sempre me deixou delirando de volúpia, já fiz esta viagem a Araraquara só pra ver ipê. Teve outra que fiz, só pude passar dois dias, para escutar cigarras... O ipê está sublime. Estava desque cheguei, já está enfraquecendo. É engraçado: depois do choque da chegada, sempre meus olhos são atraídos irresistivelmente pro ipê, fico horas tomando sol, os olhos presos no ipê, não sinto nada. O ipê sublime não consegue me dominar, a volúpia não me toma, o pensamento está pensando, está pensando. É horrível, meu Zé Bento amigo.

Vou parar. São 19 e 45 e vou escutar a BBC. Desculpe esta carta tão entregue, talvez ela me faça bem. Mas não sei, acho que as coisas terão de ir se acalmando à custa da poeira do tempo. E do esquecimento, que é mesmo a única espécie de consolo.

Com o abraço fiel do
Mário de Andrade

Conte em casa que vou passando bem. Mamãe que chame alguém pra fazer uma limpeza total no meu estúdio e no meu quarto. Você pague ela.

Notas

1 — A carta foi, na realidade, expedida de Araraquara, onde Mário se achava em descanso. Por um lapso, datou-a de S. Paulo.

2 — Liddy Chiaffarelli, esposa do compositor Francisco Mignone e amiga de Mário de Andrade.

3 — Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do qual Mário foi funcionário de 1938 a 1945.

4 — Sérgio Milliet e Luiz Martins. José Bento Faria Ferraz não se lembra da causa dos aborrecimentos aqui narrados por Mário.

5 — Mário morreria, dois anos depois, de problemas cardíacos.

Com a palavra mestre Candido

Um dos grandes nomes do ensaio literário deste século, co-planejador do Instituto de Linguagem da Unicamp e professor universitário de larga experiência, Antonio Candido foi a nona personalidade a receber o título de "Doutor Honoris Causa" da Universidade de Campinas. No dia em que o Conselho Universitário se reuniu para lhe conferir a homenagem, Candido concedeu esta entrevista ao "Jornal da Unicamp".

Jornal da Unicamp — Prof. Candido, o sr. foi em primeira instância o responsável pela reestruturação de uma importante unidade de ensino e pesquisa da Unicamp, o Instituto de Estudos da Linguagem. Que lembrança lhe traz essa fase de sua vida acadêmica?

Antonio Candido — A melhor possível. Costumo dizer que uma das razões pelas quais eu sou apegado à Universidade de Campinas é que aqui eu fui feliz, não tive problemas graves, tive compreensão e assistência, tive o apoio de um homem incrível que foi Zeferino Vaz, que era meu amigo, tive a colaboração de gente de primeiríssima ordem, esses rapazes que estão aí. De maneira que Campinas para mim, eu costumo sempre dizer, é um lugar onde eu nunca fui infeliz. Enfim, a melhor lembrança possível.

J.U. — Depois de fazer jornalismo, o sr. se retirou completamente da crítica de rodapé. É certo que o sr. explicou essas razões mais de uma vez, mas poderia repeti-las para os mais jovens?

Antonio Candido — Bom, eu deixei a crítica de rodápe por um motivo técnico indiscutível. Quando passei a tempo integral na universidade onde eu era assistente de sociologia — a Universidade de São Paulo — o regulamento proibia qualquer outra atividade remunerada. Encerrei então minhas outras atividades. Mas além disso eu confesso que já me sentia um pouco cansado, imagine, eu fazia toda semana de cinco a seis laudas datilografadas. Era uma tarefa penosa. Hoje, quando revejo meus rodapés (tive que rever outro dia, porque um rapaz me pediu emprestado), eu sinto que os últimos são rodapés cansados. Arrastados. Eu acho que não resistiria a mais um ano.

"Penso que a literatura brasileira anda hoje muito desamparada"

J.U. — É sabido, prof. Candido, que com o desaparecimento do rodapé — ou, no mínimo, do rodapé de escritores — a crítica se deslocou para as universidades. Entretanto, sabe-se que, ao contrário da imprensa, a universidade não dá conta de toda a produção corrente, até porque ela tende a se ocupar mais daquilo que o tempo já consagrou. O sr. não acha que isso deixa os escritores, especialmente os mais jovens, absolutamente sem interlocutores?

Candido — Olha, eu acho que realmente é um problema sério. Eu não me arriscaria a dizer que o meu tempo era melhor que agora, mas uma coisa é certa: crítica literária daquele tempo dava maior apoio à literatura. Porque, como disse o sr. muito bem, a atividade universitária não repercute imediatamente no público, ela não dá conta da produção corrente e a produção corrente hoje está entregue em grande parte à resenha, à pequena resenha, e essa resenha é mecânica na maior parte das vezes. Há resenhadores excelentes, mas a maior parte é resenha mecânica feita com **release** de editor. De maneira que penso que a literatura no momento está muito desamparada. Está desamparada porque não se encontrou uma forma de substituição do rodapé. O rodapé seria o ponto de encontro entre as vantagens da cultura universitária e as necessidades da divulgação jornalística. Ele era um pouco isso antes de haver universidade. Agora que a universidade existe... ora, nós sabemos que alguns grandes críticos franceses eram professores e críticos de rodapé, como é o caso de Faguet, o caso de Brunetière, o caso de Tibaudet, que faziam crítica constante e eram ao mesmo tempo professores. No Brasil, os professores aprofundaram a pesquisa literária, mas descuidaram dessa parte jornalística.

"Os jovens de agora são muito bons, e hoje há mais informação"

J.U. — Quando eclodiu a Semana de Arte Moderna, os sr. tinha apenas quatro anos, mas depois, como professor, coube ao sr. introduzir pioneiramente os modernistas nos currículos de então. Agora, no momento em que se fala irritantemente em pós-moderno, o sr. acha que eles estão saindo de cena?

Candido — Os modernistas? Não. Não acho que é hora de eles saírem de cena. Acho mesmo que os modernistas ainda devem ser objeto de muito estudo e até aproveito para dizer o seguinte (e nesse sentido tenho que me penitenciar um pouco): eu de fato encaminhei os meus alunos para teses sobre modernismo, eu contribuí para que fosse para o Instituto de Estudos Brasileiros a "Coleção Mário de Andrade", eu comecei a dar os meus cursos de teoria literária baseados em textos de modernistas. Agora, o que está acontecendo é que a Universidade está abandonando muito os textos antigos. Hoje nós não temos mais vocações críticas voltadas para o século dezessete, para o século dezoito, para o século dezenove, e isto está fazendo muita falta. Eu acho que seria muito importante, desviando um pouco a sua pergunta, seria muito importante que os jovens estudiosos, os alunos, se lembrassem de que o Modernismo é muito importante, mas que há literatura brasileira também no passado e que é preciso aplicar o espírito moderno, as técnicas modernas, ao estudo do passado, para podermos refazer a história literária brasileira.

Candido: "Uma das razões de meu apego à Unicamp é que aqui eu fui feliz."

J.U. — Ainda estudante o sr. co-fundou e participou de uma revista importante, a Clima, que teve em Mário de Andrade uma espécie de padrinho. Por que é que hoje já não acontecem coisas semelhantes? Será que a idéia de geração desapareceu, será que é uma característica ver quase tudo transformado em informação ligeira?

Candido — Eu não sei. Um homem da minha idade tem que tomar muito cuidado para não fazer juízo de valor negativo do tempo em que vive. Eu não sei, eu em geral acho que os jovens de agora são muito bons, e eu acho inclusive que hoje há muito mais informação do que havia no meu tempo. Ao contrário do que se diz, os estudantes universitários atuais, os jovens estudiosos, os críticos, são muito mais bem informados do que nós éramos. Acho que há muita seriedade, penso que o que está havendo talvez é uma espécie de inexistência dos veículos adequados. O sr. disse: acabou o rodapé e não se pôs nada no lugar. A tese universitária está virando livro, mas de maneira ainda não muito acessível. De modo que eu creio que o importante seria descobrir os veículos adequados para fazer voltar o pensamento crítico ao grande público.

"O último grande escritor brasileiro vivo é João Cabral"

J.U. — Os anos trinta produziram Graciliano, a década de cinqüenta esplendia com Guimarães Rosa e Clarice Lispector. O sr. também partilha da idéia de que estamos vivendo uma entressafra da criação ficcional?

Candido — Participo. Eu acho que o último grande escritor brasileiro vivo é João Cabral de Melo Neto. Depois de João Cabral não houve mais nenhum grande escritor, grande, no sentido real. Eu acho que o Brasil tem uma literatura boa no momento, tem uma excelente média, teve movimentos literários muito importantes como o Concretismo, por exemplo, mas personalidades literárias criadoras de alto porte o Brasil não tem tido mais. Mas isto parece que não é um fenômeno brasileiro, é um fenômeno do mundo inteiro.

J.U. — Literatura de manutenção?

Candido — Literatura de manutenção. No mundo inteiro: na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Itália, nos Estados Unidos. O que há é uma boa literatura, mas não mais grandes escritores.

J.U. — Nestas quatro décadas e meia de trabalho intenso, prof. Candido, onde se localizam as suas melhores alegrias: no magistério ou no exercício literário?

Candido — No magistério. Eu sempre me considerei um homem mais de fala do que de escrita. Sinto que a minha expressão mais adequada é a fala. Acho que sou um professor claro, acho que sou um bom divulgador, acho até mesmo que sou capaz de inspirar os alunos. Isso não porque eu tenha muita ciência, pelo contrário: talvez porque eu tenha pouca ciência. Porque eu tenho percebido que as pessoas de saber muito profundo freqüentemente se concentram na pesquisa ou se fecham em si mesmas, enquanto que a pessoa que tem uma capacidade maior de divulgação, como é o meu caso, pode prestar muito serviço sabendo o pouco que sabe.

Quem é Antonio Candido

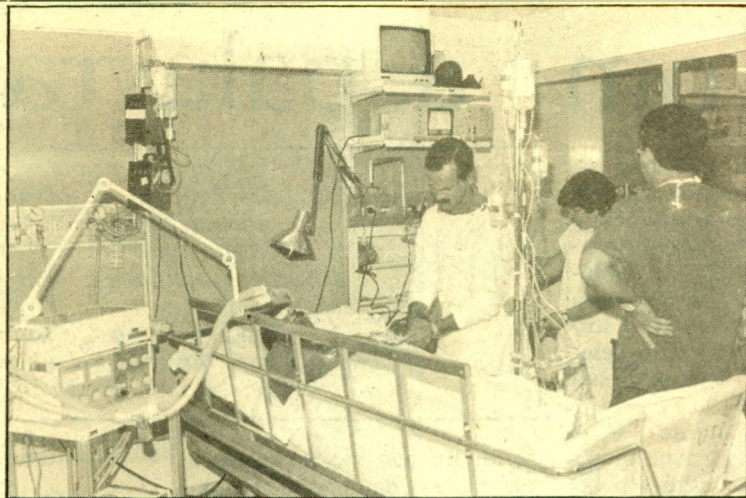
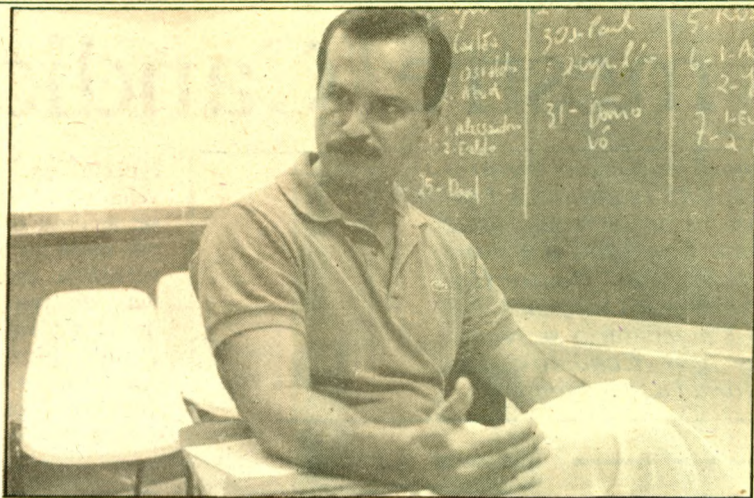
Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1918, Antonio Candido iniciou sua formação no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, tendo entre seus professores Jean Maugüé e Roger Bastide. Em 1954 doutorou-se pela mesma universidade sob a orientação do educador Fernando Azevedo, com um estudo sobre a transformação dos meios de vida do caipira paulista, depois publicado sob o título "Os parceiros do Rio Bonito". A essa altura já era, há nove anos, professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Nos anos 40 e 50, a par de suas atividades acadêmicas, notabilizou-se como crítico literário com colaboração ativa na revista "Clima" e nos jornais "Folha da Manhã" e "Diário de São Paulo". Em 1958 foi contratado pela Faculdade de Letras de Assis (SP) e em 1976 convidado pelo prof. Zeferino Vaz, então reitor na Unicamp, para colaborar na implantação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade.

Ainda como professor universitário, atribui-se a Candido o mérito de ter introduzido no currículo dos cursos de Letras — com imediato reflexo no ensino básico — o estudo de textos dos escritores modernistas.

Como ensaísta e crítico, destaca-se principalmente pelas seguintes obras: "Ficção e Confissão" (1956), "Formação da Literatura Brasileira" (1959), "Tese e Antítese" (1964) e "Literatura e Sociedade" (1965).

Candido recebe o diploma honorário das mãos do vice-reitor Carlos Vogt.

Capone e os números: 80 mil mortes nas estradas todo ano.

Prevenção: a melhor maneira de reduzir os índices.

HC inicia cirurgia de trauma

O Brasil ostenta um título nada honroso: o de recordista mundial em acidentes de trânsito. Estatísticas recentes mostram que o número de mortes nas estradas e ruas das cidades chega a quase 80 mil por ano, numa média de 220 por dia. Só no Estado de São Paulo ocorrem 25 mil mortes a cada ano. Um dado estarrecedor e que, segundo especialistas, tende a crescer. Isso sem contar o número de pessoas que morrem depois do acidente e as que ficam inválidas, onerando o Estado e a própria família.

A prevenção de acidentes é, sem dúvida, a maneira mais eficaz para reduzir o elevado número de mortes e o mais difícil também, segundo observações de Antonio Capone Neto, médico intensivista e cirurgião geral do HC/Unicamp. Para ele, há três níveis em que se pode atuar para uma possível redução de acidentes: educação da população quanto à prevenção de acidentes, em especial pessoas expostas a riscos; legislação rigorosa quanto às medidas de prevenção de acidentes, além, é claro, de medidas punitivas aos infratores. "Não basta existir a lei, é necessário que ela seja cumprida", diz Capone. E, em terceiro, o atendimento adequado e rápido aos acidentados.

Preocupada com essa situação, a Unicamp começou a pensar num meio de, dentro de suas possibilidades, reduzir tais índices. O primeiro passo foi a criação da disciplina de Cirurgia de Trauma, ministrada a partir do 4.° ano de graduação da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), e ao mesmo tempo iniciar a estruturação de um grupo multidisciplinar de médicos especializados para o atendimento imediato a pessoas acidentadas.

Enquanto que nos Estados Unidos o trauma é encarado como uma doença negligenciada há mais de 20 anos, no Brasil a coisa só teve início mesmo há pouco mais de dois anos, na USP, com a criação da disciplina de Cirurgia de Trauma. Logo em seguida veio a Unicamp, que desde meados de 87 incluiu essa disciplina no currículo da FCM. E mais: pretende organizar um grupo multidisciplinar de profissionais voltado especificamente para essa área, envolvendo médicos de cirurgia geral, neurologistas, ortopedistas entre outros.

Solução a longo prazo

Para se ter uma idéia, dos 400 pacientes que chegam diariamente ao Hospital das Clínicas da Unicamp, através do Pronto-Socorro — 50% dos quais em estado grave — 30 são doentes que sofreram os mais diversos tipos de traumatismos, incluindo aí acidentes de trânsito, ferimentos a faca, tiros e até mesmo acidentes domésticos.

O índice de mortes ocorridas nas primeiras horas bem que poderia ser menor caso existissem hospitais voltados especificamente para esse tipo de atendimento. Dos acidentados graves, 50% das mortes ocorrem imediatamente ou nos primeiros minutos após o acidente. "Nesses casos nada pode ser feito além de preveni-los" — observa Capone. Por outro lado, dos casos restantes, 30% acabam morrendo no período entre uma e quatro horas após o acidente.

No entanto, Capone acrescenta ainda que "o atendimento de um politraumatizado por equipes de médicos não especializados aumenta a possibilidade de erros de diagnósticos e de má ordenação de prioridades, o que, fatalmente, vai resultar num maior índice de mortalidade e morbidade".

Por outro lado, o médico Mário Mantovani, superintendente do HC/Unicamp e responsável pela implantação da disciplina, ressalta que o "grupo especializado que pretendemos formar aqui vai estudar entre outros fatos, metabolismo do trauma, e pesquisar a seqüência de eventos que ocorrem com um indivíduo com múltiplas fraturas e o levam para a morte por falência de múltiplos órgãos". Todavia Capone está convencido de que desenvolver um serviço bem estruturado para esse novo tipo de atendimento médico "não será do dia para a noite". Ele explica que "é um processo de conscientização bastante demorado, onde não entram apenas os hospitais especializados em traumas, mas toda a comunidade; um atendimento que deve começar no momento em que ocorre o acidente, ou seja, com pessoas capazes de auxiliar na remoção dos acidentados, fazer uma triagem e encaminhá-los de acordo com a gravidade dos casos aos hospitais especializados".

O que costumeiramente acontece é que as vítimas são sempre levadas para hospitais próximos, muitas vezes sem recursos. Isso, na opinião de Capone, pode resultar em mais problemas e até em óbitos. "É preciso que se desenvolva, através de campanhas ostensivas, um processo de conscientização e treinamento das pessoas para que saibam como auxiliar de modo adequado e eficaz num caso de acidente grave", diz o médico. Aí deverão participar também a própria polícia que atender o acidentado, hospitais bem equipados e meios de transporte mais rápidos. No caso do Brasil, na visão de Capone, isso não será possível a curto prazo.

Os primeiros passos foram dados pela Unicamp, mas já há no âmbito da Secretaria de Saúde do Estado, uma comissão estudando a estruturação de um centro especializado, em São Paulo, além da criação de hospitais regionais em cidades do interior.

Hemocentro da Unicamp agora é modelo

O Hemocentro do Hospital das Clínicas da Unicamp será modelo para o programa de controle emergencial de hemoterapia e hematologia que a Secretaria Estadual de Saúde está implantando em todo o Estado, e que pretende, a curto prazo, reverter o atual quadro de falta de fiscalização e desobediência na realização de exames sorológicos no sangue transfundido. Convênio nesse sentido, assinado pelo reitor Paulo Renato Costa Souza e pelo secretário estadual de Saúde José Aristodemo Pinotti, vai representar um repasse inicial de recursos no valor de Cz$ 32 milhões para capacitar o Hemocentro da Universidade como centro regional de referência para testes hematológicos em 119 cidades da macro-região de Campinas. Centros regionais de controle com as mesmas características também serão implantados na Capital e nas cidades de Botucatu, Marília e Ribeirão Preto até o final do ano, totalizando um investimento da ordem de Cz$ 600 milhões.

Estatísticas revelam que 20% das 70 mil transfusões efetuadas mensalmente em São Paulo não são submetidas aos testes sorológicos obrigatórios e capazes de identificar a contaminação do sangue por Aids e por vírus da hepatite, sífilis e da doença de chagas. Esse quadro assustador, segundo Pinotti, será revertido nos próximos seis meses com o programa emergencial de controle da Secretaria da Saúde "que proporcionará a garantia de checagem de todo o sangue transfundido no Estado".

Para isso, a Secretaria Estadual de Saúde optou pela regionalização do programa de hemoterapia e hematologia, e deverá organizar 25 pólos de controle no Estado, sendo que a Unicamp ficará responsável pela coordenação dos escritórios regionais de saúde de Campinas, Jundiaí, Amparo e Moji Mirim, que compreendem 50 municípios. "Nesses programas, os hemocentros poderão assumir, inicialmente, todo o trabalho de realização dos testes. O objetivo, entretanto, é treinar pessoal e credenciar instituições privadas para executar os exames localmente", explica Cármino Antonio de Souza, diretor do Hemocentro da Unicamp e coordenador do programa emergencial do sangue. "A experiência demonstrou que a fiscalização tem um efeito muito pequeno. O que vamos fazer é a correção da política de saúde em relação ao sangue em todo o Estado", observou Aristodemo Pinotti.

Além dos Cz$ 32 milhões iniciais, o Hemocentro terá ainda recursos adicionais de Cz$ 40 milhões repassados pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) para obras de reforma e ampliação de suas atuais instalações. As obras deverão estar concluídas até o final do ano e possibilitarão a execução de até cinco mil testes sorológicos mensais, cinco vezes mais que a atual capacidade. O atendimento ao paciente, o rastreamento de casos de Aids, o trabalho de estatística e o controle epidemiológico, entre outras atividades, serão agilizados com a informatização do trabalho do Hemocentro. O Núcleo de Informática Biomédica da Universidade, em conjunto com técnicos da Digirede Informática, empresa especializada em serviços de computação, desenvolveram um software específico para a área de hemoterapia, que deverá ser também utilizado no programa estadual. A Digirede também doou um microcomputador de 51 megabytes com impressora e três terminais de vídeo — avaliado em Cz$ 3 milhões — para utilização do Hemocentro.

Teste identifica contaminação.

Prioridade na execução de exames.

Controle do sangue por computador.

A arte de contar a história da arte

A narração, a evolução e o aprofundamento teórico acerca dos fatos que mostram a trajetória da arte no mundo foram sempre objeto de sério estudo na Europa e nos Estados Unidos. Tanto que, nas universidades européias e americanas, a História da Arte nunca deixou de constar dos currículos de graduação e pós-graduação. No Brasil, talvez por razões ligadas à própria estrutura das instituições de ensino superior, o assunto nunca recebeu atenção semelhante. Com o objetivo de preencher esta lacuna, a Unicamp inicia este ano o curso de pós-graduação em História da Arte e da Cultura, o primeiro no Brasil.

Oferecido conjuntamente pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e pelo Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, o curso apresenta um programa de pesquisas voltado para as necessidades de situar os fenômenos da arte e da cultura no quadro de reflexões teóricas e históricas. O curso, que deverá ser realizado em quatro semestres, está sob a coordenação de um núcleo composto por quatro professores: Jorge Colli, Luiz Marques (IFCH) e Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha e Iumna Maria Simon (IEL).

Composto basicamente por profissionais ligados a vários setores das áreas de Humanas, o novo curso, em prazo aproximado de três anos, deverá estar formando pessoal para atuar como animadores culturais, pesquisadores, docentes e museólogos. Segundo Colli, o curso não visa propriamente a estimular práticas artísticas já que "esta é uma atribuição do Instituto de Artes", diz. Colli acrescenta ainda que "a meta é levantar uma reflexão acerca das formas e das relações que esta história mantém, de forma mais abrangente, como os fenômenos políticos e sociais, e com as idéias".

Rico acervo

Pesquisadores e alunos ligados à área terão à sua disposição todo o acervo bibliográfico do IFCH, com cerca de 70.000 volumes, entre livros e periódicos. A este montante estão sendo somado inúmeros títulos especificos da área. Entre as novas aquisições, duas merecem atenção especial: os "Classici Dell'Arte", uma publicação italiana, com aproximadamente 300 volumes, que fala da obra completa dos grandes nomes da arte no mundo; e a "Revue De L'Arte", uma das mais renomadas revistas internacionais editada pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica, do Ministério da Pesquisa e Indústria da França.

Os maiores acervos sobre a História da Arte no Brasil estão hoje concentrados basicamente em duas bibliotecas: no Museu de Arte de São Paulo e na Sala Sérgio Milliet, um anexo na Biblioteca Mário de Andrade. "Ainda é cedo para se fazer uma previsão quantitativa do nosso acervo para os próximos anos", diz o prof. Luiz Marques. "Uma elaborada lista de títulos já foi solicitada", acrescenta.

Além da biblioteca, os organizadores do curso devem criar ainda este ano uma fototeca que contará com dois arquivos: um didático, constituído de slides, fotos sobre papel e outras formas de artes visuais em geral; e um material de pesquisa que permitirá aos interessados o contato com vasta iconografia.

Bia: mais para Beckett que para Nélson Rodrigues.

A suave poesia de Bia

Toda poetisa, quando bela, é também uma espécie de musa. Assim, a comunidade da Unicamp pode se rejubilar neste começo de ano: acaba de vir à luz a poesia de Beatriz Sampaio Azevedo, 20 anos, através de um pequeno livro que já está circulando por aí: "Tudo quanto arde", Palavra Muda Editora, final de 1987.

Aluna do primeiro ano do curso de Teatro e funcionária do Serviço de Apoio ao Estudante, Beatriz — ou simplesmente Bia — é o gênero de garota que há muito tempo sabe o que faz: tinha 16 anos quando, recém-chegada de Belo Horizonte, fundou em Campinas o Jornal "Artefato", que resistiu cinco números. Em seguida criou sua própria editora, a Palavra Muda, publicou dois livros e passou a bola para outras pessoas. E, mais recentemente, instalou a "Flor Amorosa Produções Poéticas", que pretende se dedicar a produzir performances, mostras e espetáculos de teatro.

Filha de arquiteto com pianista, Bia desde cedo encontrou atmosfera propícia para desenvolver seu talento. Escreve desde os oito anos. Os poemas reunidos em "Tudo quanto arde", entretanto, datam de 1984 para cá. "Foi a partir daí", diz ela, "que minha poesia ficou uma coisa mais lapidar, e não apenas uma expressão dos sentimentos".

Como leitora de poesia, cultiva principalmente Fernando Pessoa, Oswald de Andrade, Hilda Hilst, Paulo Leminski e Alice Ruiz; entre os novos, Leila Miccolis e Fred Maia, um poeta da Paraiba. No teatro é grande admiradora de Gerald Thomas. Embora faça ("com amor") artes cênicas, não se considera nada teatral: "o que estimula no teatro é o poético; neste sentido, estou mais para Beckett que para Nélson Rodrigues".

Um poema de Bia: ameno concretismo.

Campus tem novo espaço cultural

Com a abertura da exposição "Dança do Universo" — 26 reproduções dos mais renomados artistas do mundo, entre eles Joan Miró, Vassily Kandinsky e Bernard Cohen — a Unicamp inaugurou, dia 13 de janeiro último o seu mais novo espaço artístico-cultural.

O "Espaço Nudecri", como foi batizado, instalado no prédio do antigo Departamento de Música, vai funcionar como um centro onde serão realizados os mais diversos tipos de manifestações artístico-culturais, como shows musicais, teatro e espetáculos de mímica. Além de desenvolver uma série de projetos, principalmente nas áreas de vídeo, cinema e fotografia.

Ao longo deste mês será apresentada uma série de projeções de vídeos, da qual fazem parte filmes da vídeo-arte americana (cedidos pela Bienal de São Paulo) e da vídeo-arte alemã (cedidos pelo Instituto Goethe), além dos premiados no Festival de Vídeo-Brasil. O Centro programou ainda um ciclo de produções independentes. Entre os filmes, "Heróis da resistência" (sic), de Tadeu Jingle; "Caipira in", também de Jingle; "Cafundó", de Carlos Vogt e Joel Iamagi; "Ramo Carbon", de José Luiz Nogueira; "Vai rolar", de João Batista Aguiar; e "Ana C", de Cláudia Maradei, um vídeo sobre a vida e a obra da poetisa Ana Cristina César, já morta.

Dupla ação

Idealizado pelo Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), o principal objetivo do Centro é criar um mecanismo de dupla função, isto é, produzir eventos e espetáculos culturais de alto nível qualitativo e apresentá-los fora da Unicamp. Assim como trazer para dentro da Universidade eventos de qualidade, mas que ainda não estão em cartaz no grande circuito, desde que sejam de grupos e artistas profissionais.

"Nossa intenção", diz João Batista Aguiar, coordenador do projeto, "é abrir esse espaço para apresentações profissionais de grupos emergentes que estejam fazendo trabalho de nível. É claro que também os grupos da própria Unicamp terão vez. E não importa o que fazem; tanto pode entrar um grupo de pagode como um de música sertaneja, instrumental ou de rock."

Cinema e Debate

Segundo João Batista, a criação do "Espaço" não vai interferir na programação de shows realizados no Ginásio Multidisciplinar, destinado a públicos maiores, assim como exposições de artes também não deverão se chocar com as realizadas nas galerias do Instituto de Artes e Galeria de Arte da Unicamp (próxima ao restaurante II). "Isso não vai acontecer porque as propostas são distintas. Nesse novo espaço pretendemos incentivar principalmente manifestações de vanguarda", diz.

Mas os projetos e idéias do novo centro não param aí. Será criado, por exemplo, um acervo de toda a produção independente de vídeo, dos anos 70 em diante. Ao lado disso, será montada uma mostra, "50 anos de Capa de Livro no Brasil", coordenada pelo próprio João Batista, além de ciclos de cinema (westerns, chanchada etc), sempre seguidos de debates. Para montar toda essa infra-estrutura, João Batista explica que a Unicamp, através do Nudecri, já tem firmado convênios com o MIS (Museu da Imagem e do Som) de São Paulo, Instituto Goethe, Fundação Bienal e Funarte.

A exposição "A dança do universo" abre o novo espaço.

DE OUTROS CAMPI

Uva sem fungo em Caxias do Sul — Famosa por seu vinho, a cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, ainda tem dificuldades para controlar suas uvas. Ou melhor, tinha. Essa perspectiva está sendo aberta com uma pesquisa desenvolvida pela Universidade de Caxias do Sul, para eliminação do **Botrytis cinerea**, um fungo que provoca a "podridão cinzenta". O processo biológico de eliminação do Botrytis vai reduzir — ou até eliminar — as aplicações químicas nas videiras e no vinho. A coordenação do projeto é da professora Rute Ribeiro, bióloga da UCS.

HU de Londrina, em ampliação — Hemocentro, pronto-socorro e centro cirúrgico são as novas unidades que proverão, em breve, o novo prédio do Hospital Universitário, da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná. As verbas para a ampliação vêm da Secretaria Estadual de Saúde do Paraná, que já liberou uma cota de 10 milhões de cruzados. São dois mil metros quadrados para atender à saúde da região de Londrina.

Literatura infantil, novo programa em Bogotá — O Instituto Colombiano para o Fomento da Educação Superior (ICFES) aprovou os novos programas de especialização da Universidade de São Boaventura: "Recreação educativa" e "Didática de literatura infantil". Eles visam formar recursos humanos para o país, em áreas deficitárias.

Prêmio Instituto Nacional do Livro — Vinte OTN's para o melhor texto inédito, na primeira etapa, e outras 20, na segunda, para ilustrações e capa, são os prêmios estipulados pelo Instituto Nacional do Livro para o seu concurso anual de literatura infantil. As inscrições vão até 31 de março, devendo o original ser inédito e enviado em três cópias, sob pseudônimo. O Instituto Nacional do Livro fica na SCRN Q 704/705, Bloco C, n.º 40, CEP 70730, Brasília-DF.

PUC se alia à universidade alemã — Para uma série de pesquisas na área de zoologia, a PUC de Porto Alegre assinou convênio de cooperação com a Faculdade de Biologia da Universidade de Tuebingen, na Alemanha. A relação de intercâmbio entre as duas instituições de ensino superior começou em 83. Agora esse relacionamento foi ampliado e abrange também a área de zoologia. A primeira pesquisa conjunta prevista se refere ao desenvolvimento de abelhas.

Água, preocupação na USP — A Universidade de São Paulo, uma autêntica cidade dentro da Capital, gasta, mensalmente, 9 milhões de cruzados só com taxas de água e esgoto. O Centro de Práticas Esportivas, por causa de suas piscinas, é o que mais colabora para esse número elevado. A saída pode ser a construção de poços artesianos. Para que isso se torne realidade, o Instituto de Geociências realiza levantamento dos lençóis de água, ali existentes. Caso se aponte essa hipótese, a Universidade economizaria um bom dinheiro, além dos estudos da Geociências terem também caráter didático.

27 anos de UFSM — A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) completou, no dia 14 de dezembro, 27 anos de atividades. Dentre as atividades comemorativas, deflagradas pelo reitor Gilberto Aquino Bueno, houve projeção de filmes históricos e a apresentação de um audiovisual. O primeiro reitor foi o médico José Mariano da Rocha Filho, também homenageado no aniversário da universidade gaúcha.

UFU de imagem nova em 88 — Federalizada em 79, a Universidade Federal de Uberlândia tem dado passos importantes na área de comunicação — mesmo não tendo um curso de jornalismo. No ano passado, conseguiu colocar no ar uma emissora educativa. Enquanto a rádio acerta suas ondas, a universidade acaba de receber licença para operar também em televisão, o que deve ocorrer já em 88.

Frio pra ninguém botar defeito — Os cientistas da Universidade de Bayteuth, Alemanha, chegaram a um novo valor de aproximação com o zero absoluto. As experiências feitas por eles aproximam-se em 0,000012 graus de zero absoluto (-273,15°C). A equipe dirigida pelo prof. Frank Pobell obteve este resultado por meio de esfriamento magnético. Até então ingleses e japoneses haviam obtido as menores marcas.

Equipamentos

Unicamp vai orientar postos e hospitais

O Centro de Engenharia Biomédica da Unicamp (CEB), que desde 1985 vem prestando assistência técnica a hospitais de toda a região de Campinas, inicia agora um novo tipo de trabalho: vai selecionar e treinar pessoal técnico para trabalhar nos postos de saúde da cidade.

Embora o CEB já esteja prestando esse tipo de serviço, convênio nesse sentido será assinado com a Prefeitura Municipal de Campinas no próximo dia 12 de fevereiro. Dentro dessa mesma linha de trabalho, a Unicamp firmou recentemente convênio com o Conderg (Consórcio de Desenvolvimento da Região de Governo de São João da Boa Vista) — englobando 16 municípios da região — onde o CEB entra com a tarefa de prestar assistência técnica na implantação do Hospital Regional de Divinolândia, com capacidade total de 231 leitos. Isto, além de auxiliar no processo de compras de equipamentos e na formação de equipes de manutenção dos equipamentos instalados no hospital, o mesmo ocorrendo com os 35 Postos de Saúde de Campinas, que atendem hoje a aproximadamente 70 mil pessoas por mês.

No caso de Campinas, há uma peculiaridade: o CEB vai instalar para a Prefeitura uma Central de Manutenção, trabalho que começa com a seleção e o treinamento de pessoas e vai até a parte de gerenciamento, controle de entrada e saída de equipamentos etc. "É uma espécie de assessoria técnico-administrativa, pois iremos atuar também no estudo do espaço físico dessa Central, além de definir os equipamentos que deverão ser utilizados na recuperação do material", explica Said Jorge Calil, engenheiro eletricista e diretor do CEB.

Produtos no mercado

Criado em outubro de 1982, o CEB tinha, em sua fase inicial, a dupla função de desenvolver pesquisas na área biomédica e cuidar da instalação e manutenção dos equipamentos médico-hospitalares do HC/Unicamp. Com o passar do tempo seus serviços começaram a ser solicitados também por outras unidades e hoje atende a toda a área médica da Unicamp (Caism, HC, FCM, AMO, Cecom) e outras externas ou vinculadas, como o Hospital Municipal de Paulínia, o Centro de Saúde Escola de Paulínia e o Centro de Investigações Hematológicas Infantil.

Calil: "Economia de Cz$ 40 milhões por ano."

Nas oficinas do CEB, a manutenção de quase sete mil equipamentos médicos entre 1986 e 87.

Considerado centro modelo em manutenção de equipamentos no Brasil, o CEB, segundo Calil, tem recebido solicitações de todo o País e "também do exterior, como foi o caso recente do México. Só que não temos docentes nem engenheiros em número suficiente para atender a uma demanda tão grande", diz o engenheiro.

No ano passado o CEB gerou para a Unicamp uma economia de aproximadamente 40 milhões de cruzados, sem contar a economia de tempo com o reparo de equipamentos. Entre 86 e 87, o Centro teve um aumento de 112% no volume de equipamentos sob sua responsabilidade, num total que se aproxima da casa dos 7 mil equipamentos. Registrou ainda um aumento de 31% nos pedidos de manutenção preventiva, atingindo um total de 4.782 solicitações, numa média calculada de 19 chamadas por dia.

Mas as atividades do CEB não se limitam apenas aos serviços de manutenção e reparos de equipamentos hospitalares; dali, além das pesquisas, já saíram alguns instrumentos e aparelhos médicos que passaram a ser industrializados em série por empresas particulares. É o caso, por exemplo, do Estimulador de Dor idealizado pelo Prof. Wang Binseng, da Faculdade de Engenharia Elétrica, fabricado em seguida por uma empresa de São Paulo. Ou a Bomba de Infusão projetada pelo médico intensivista Aníbal Basile, hoje fabricada pela Lifemed. Mas não é só: a linha de pesquisas desenvolvidas pelo CEB engloba todo o processo de desenvolvimento de instrumentação não evasiva (censores para uso externo do paciente); o estudo do comportamento do músculo cardíaco em diferentes condições; o estudo do desenvolvimento de instrumentação para testes de equipamentos hospitalares (simuladores de sinais biológicos); e o desenvolvimento de instrumentação ultrassônica para diagnósticos de doenças vasculares, entre inúmeras outras.

O ambulatório, segundo Marini, hierarquiza o fluxo de atendimento.

Hospital

Fluxo melhora com novo ambulatório

O Hospital das Clínicas da Unicamp implantou, no início de dezembro, um novo serviço de atendimento.

Trata-se do Ambulatório de Primeiro Atendimento (APA), cuja finalidade é agilizar o sistema de consultas à população. Hospital terciário, o HC atende a uma região composta por mais de 80 cidades e uma população estimada em quatro milhões de pessoas. Para essa imensa demanda, era fundamental a hierarquização do atendimento interno. "Nós queremos aprimorar o atendimento, daí a implantação do APA", afirma o médico pediatra Roberto Marini, assessor técnico da Diretoria Clínica do HC e coordenador do Ambulatório.

O Ambulatório de Primeiro Atendimento funciona das 7 horas às 15h30, em um prédio localizado em frente ao HC. Atuam ali 40 pessoas entre médicos, atendentes e pessoal administrativo. São feitas consultas rápidas de no máximo 10 minutos. Caso necessário, o paciente é encaminhado para especialistas no HC ou ao posto de saúde que pode resolver o seu problema. Casos mais simples são resolvidos no próprio APA.

O horário concentrado de atendimento se explica. Nesse período há um maior número de médicos especialistas à disposição da população e, geralmente, as consultas se esgotam logo nas primeiras horas. Até que se defina a demanda normal de atendimento, as especialidades irão sendo oferecidas à medida que forem sendo solicitadas.

Clínica médica e pediatria são as especialidades que possuem atendimento pela manhã e à tarde; genética é uma opção para terça-feira pela manhã ou quinta à tarde. Para as demais — psiquiatria, oftalmologia, otorrino, neurologia e cirurgia — há plantão apenas pela manhã, pelo menos por enquanto, esclarece o coordenador do APA.

Diminuiu

Com o funcionamento do APA, o HC consegue um melhor fluxo de atendimento no Pronto-Socorro (PS), já que alguns casos — sem maior gravidade — passavam também por ali. Agora, o PS é usado de forma ordenada e, com isso, podendo dar melhor atenção aos seus usuários.

Com pouco mais de um mês de atendimento, o APA já demonstra que sua criação pode dar resultados. Em dezembro, quando o novo serviço funcionou 13 dias, 1.165 pacientes passaram por ali. Destes, 1.044 passaram por consultas e cerca de 50% foram encaminhados para especialistas, no próprio HC. Um quinto dos atendidos já teve alta após a consulta inicial no AP. A média diária de atendimento foi de 85 pacientes por dia, número que já chegava a quase 200 no mês de janeiro.

O maior beneficiado do funcionamento do APA foi o próprio Pronto-Socorro. Se antes ele tinha uma média de 150 atendimentos diários, esse número caiu para menos de 100, em dezembro. Mas a expectativa é que os números globais possam diminuir. Os dados de outubro de 86 mostram que o HC, naquele mês, atendeu a 28.276 casos de consultas, sendo 4.916 apenas no Pronto-Socorro. Um detalhe a acrescentar: o APA atende apenas casos de pessoas que não sejam funcionários da Unicamp, para os quais existe um serviço especial, o Cecom.

vida universitária

ENCONTROS

Abolição: Encontro — Como parte dos eventos relativos ao centenário da Abolição, o Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp vai realizar, de 23 de maio a 6 de junho, no Centro de Convenções, um encontro denominado "História de Liberdade: cidadãos e escravos no mundo moderno" com a participação de professores de universidades brasileiras (Unicamp, UFBA, UFF e USP) e do exterior. Constituído de mesas-redondas e seminários, o encontro visa debater posições divergentes quanto à história da Abolição no seu contexto especificamente brasileiro, como também em perspectivas mais amplas. Esse encontro será em homenagem ao prof. Peter L. Eisenberg, do Departamento de História do IFCH, falecido no dia 4 de janeiro deste ano e que era um dos seus organizadores. As mesas-redondas todas com início às 14h30, serão as seguintes: dia 23/5, segunda-feira — "Trabalho e Cidadania"; dia 24/5, terça-feira — "Visões da liberdade na época da emancipação"; 30/5, segunda-feira — "A historiografia da abolição"; dia 31/5, terça-feira — "Trabalho, disciplina e integração social" e 6/6, segunda-feira — "Cultura e racismo na era dos impérios".

Embaixador da Boa Vontade — Escolhido entre candidatos de 34 cidades, o prof. Gil Lúcio Almeida, do Centro de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente (Cedecap/Unicamp), foi selecionado pela The Rotary Foundation para ser o Embaixador da Boa Vontade do Brasil nos Estados Unidos. Gil embarca em agosto para a Universidade de Iowa, onde realizará PhD na área de biomecânica. No momento, ele conclui mestrado em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos. Como fisioterapeuta desenvolve trabalhos cinemáticos (biomecânica) sobre o desenvolvimento motor em bebês portadores da Síndrome de Down e bebês normais.

LIVROS

A Magia da mudança, de Jesus Antonio Durigan, Maria Bernadete Marques Abaurre e Yara Frateschi Vieira, todos professores do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp. A obra é o resultado de uma pesquisa realizada por pós-graduandos do IEL sobre os exames prestados por candidatos ao vestibular da Unicamp em 1987. As análises referem-se às redações nas diversas sugestões temáticas e às questões de comunicação e expressão. O trabalho foi realizado com o objetivo de verificar o desempenho do aluno de segundo grau na proposta do vestibular da Universidade. Os artigos reunidos na obra fornecem subsídios aos professores de 2.° grau e aos candidatos, representando, dessa forma, um exercício de reflexão sobre a língua. Editora da Unicamp.

Pós-modernidade, de Roberto Cardoso de Oliveira, Nicolau Sevcenko, Jair Ferreira dos Santos, Nelson Brissac Peixoto e Maria Celeste Olalquiaga. Dividida em quatro partes, a obra faz uma análise e uma reflexão da pós-modernidade, percorrendo inclusive a literatura americana e a ficção científica. Coleção Viagens da Voz. Editora da Unicamp.

EM DIA

"Amorosidade" — Filme do Prof. Adilson Ruiz, do Departamento de Multimeios do IA/Unicamp, conquistou dois prêmios (de melhor filme e de melhor direção) no XX Festival de Cinema de Brasília. Cineasta desde 1972, Adilson Ruiz dirigiu também o documentário "Infinita Tropicália", material de sua tese de mestrado e que, há dois anos, conquistara cinco dos oito prêmios para curtas no mesmo festival. Com roteiro de Bráulio Mantovani e Maria Bacellar, ambos bacharéis em Língua e Literatura Portuguesas, a idéia de "Amorosidade" nasceu de "um encontro de duas personalidades: de um lado o ensaísta Roland Barthes, um dos mais brilhantes intelectuais deste século, e de outro, um dos maiores nomes da literatura alemã, Johan Wolfgang von Goethe, autor de "Fausto". O filme, em cores, em 16mm e 45 minutos de duração, representou o Brasil no Festival Ibero-Americano de Helva, realizado em novembro, na Espanha.

Eventos em 88

A Assessoria de Eventos da Unicamp (APEU) já tem agendados para 88 os seguintes eventos (maiores informações pelo telefone 39-31-52):

22 de fevereiro — Seminário de Sistematização de Arquivos da Unicamp

22 a 25 de fevereiro — Curso: "Polímeros e Espalhamento de raios-X"

22 a 26 de fevereiro — Curso de Extensão Universitária: Astronomia a olho nu — experiências no observatório

1.° a 15 de março — XII Simpósio Anual da Academia de Ciências do Estado de São Paulo

7 a 11 de março — II Curso de Cirurgia de Urgência do Aparelho Digestivo

24 a 30 de março — II Conferência Internacional de Reitores de Universidades da Europa e América Latina

27 a 31 de março — Simpósio Internacional sobre Ecologia Evolutiva de Herbívoros Tropicais

28 e 29 de março — XVI Reunião Brasileira de Antropologia

28 a 30 de março — IV Encontro de Professores de Matemática

28 a 31 de março — I Encontro Regional de Estudantes de Letras

9 de abril — Jornada do Centro Brasileiro de Estrabismo

12 a 15 de abril — II Simpósio do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal

30 de abril — IV Congresso Internacional de Estudos Pessoanos

11 a 14 de maio — II Simpósio sobre Doenças das Artérias Coronárias e Cardiopatia Isquêmica

14 e 15 de maio — IX Simpósio Intenacional de Cirurgia Crânio-facial e II Simpósio Internacional de Cirurgia Estética

20 e 21 de maio — III Jornada de Otorrinolaringologia Pediátrica

7 a 15 de julho — VI Escola de Computação

27 a 29 de julho — IX CBRAVIC — IX Congresso Brasileiro de Aplicações e Vácuo na Indústria e na Ciência

4 a 6 de agosto — II Simpósio Internacional de Neurocirurgia

10 a 13 de agosto — II Simpósio Brasil/Japão de Tecnologia

15 a 19 de agosto — VI Encontro Brasileiro de Topologia

Dezembro — VIII Congresso Brasileiro de Engenharia e Ciência dos Materiais

Personalidade em Biotecnologia — O prof. Otávio Henrique Pavan, do Instituto de Biologia da Unicamp, foi homenageado com o título de "Personalidade em Biotecnologia", concedido pelo Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo. Pavan, que vem se destacando por suas pesquisas genéticas no combate à broca da cana, foi agraciado "pelos seus serviços prestados ao desenvolvimento da tecnologia nacional". O prêmio é concedido anualmente a pesquisadores que se destacam nas cinco áreas de tecnologia de ponta: Informática, Biotecnologia, Química Fina, Mecânica de Precisão, Novos Materiais e no campo da valorização profissional. A solenidade foi realizada no dia 10 de dezembro.

O passeio da câmera

No vestibular do pior verão, todas as armas são válidas para manter a cabeça fresca.

TESES

Serão defendidas as seguintes teses:

Tese de doutorado em Engenharia Elétrica. Candidato: Adilson Oliveira Espírito Santo. Orientador: Akebo Yamakami. Título: "Problemas de autovalores, otimização de funções matriciais, robustez de sistemas dinâmicos: uma absorção algorítmica". Data: 10/02/88.

Tese de mestrado em Engenharia Elétrica. Candidato: José Dutra de Oliveira Neto. Orientador: Márcio Luiz de Andrade Neto. Título: "Desenvolvimento de um sistema integrado de computação simbólica". Data: 02/02/88.

Tese de mestrado em Estatística. Candidato: Pedro Ferreira Filho. Orientador: Gabriela Stangenhaus. Título: "Intervalos de confiança para os parâmetros de regressão L_1: pequenas amostras". 04/02/88.

Tese de mestrado em Matemática Aplicada. Candidato: Daniel Norberto Kozakevich. Orientador: José Vitório Zago. Título: "Simulação numérica do fluxo de czochralski não isotérmico". 03/02/88.

Tese de mestrado em Estatística. Candidata: Luzia Aparecida Trinca. Orientador: Gabriela Stangenhaus. Título: "Métodos computacionalmente intensivos na estimação do número de espécies". 01/02/88.

IEL

O espaço de todas as linguagens

Criar um Instituto de Letras com uma estrutura inovadora, diferente do modelo adotado pelas demais universidades do País, era a preocupação que atormentava dois professores da Unicamp, naquele ano de 1976: o então diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Manoel Berlinck, e o chefe do respectivo Departamento de Lingüística, Carlos Vogt. Ambos queriam desdobrar o Departamento de Lingüística — idealizado pelo professor Fausto Castilho — do conjunto das atividades do IFCH através de uma fórmula inédita que fazia de duas disciplinas gerais, Lingüística e Teoria Literária, o núcleo gerador de desdobramentos futuros, já que eram as bases de disciplinas particulares.

Mas eles acabaram encontrando um critério preestabelecido, do tipo tradicional — por derivar do modelo vigente em todas as instituições congêneres no País, baseado na justaposição horizontal das diversas línguas e literaturas —, o que iria configurar uma faculdade do tipo que o professor Antonio Candido, coordenador do projeto da nova unidade, ironicamente chamava de "tênia solitária", isto é, formada por segmentos acrescentáveis e descartáveis à vontade, resultando longas fitas universitárias de dimensão anódina e imprevisível". Zeferino Vaz, reitor na época, e que havia proposto a criação do Instituto segundo o modelo tradicional, apreendeu imediatamente o significado da idéia, e liquidou num instante o projeto iniciado segundo outro critério, cedendo aos argumentos da proposta inovadora.

— O Instituto de Letras, de concepção tradicional, acabou antes mesmo de nascer, e surgiu como desejávamos: experimental, renovador, pensado e desenvolvido em equipe — recordou Antonio Candido em seu discurso de agradecimento no Conselho Universitário, que lhe conferiu, no ano passado, o título de doutor "honoris causa".

A criação do que hoje é o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), exigiu até mesmo uma artimanha dos professores envolvidos com o projeto, como lembrou Carlos Vogt, atual coordenador geral da Universidade. "A criação do Instituto de Letras da Unicamp chegou a ocorrer nos moldes tradicionais para satisfazer ao estatuto da Universidade, que previa a formação de uma faculdade nessa área. Mas tudo não passou de um artifício para que pudéssemos ganhar tempo e tivéssemos condições formais e institucionais para criar um instituto com perfil diferente", conta Vogt, que amadureceu a concepção do instituto junto com os professores Carlos Franchi, Haquira Osakabe e Rodolfo Ilari — todos pós-graduados da USP na época — que foram se aperfeiçoar na França.

Vogt também destacou que o fato de o Departamento de Lingüística ter nascido no âmbito do IFCH e não em uma faculdade de letras, como era norma, favoreceu o IEL em sua vocação científica, hoje a principal característica do Instituto. Esse fato foi responsável em grande parte, pela rápida inserção da unidade no quadro da melhor produção intelectual brasileira. A vice-diretora do IEL e professora de Teoria Literária, Marisa Lajolo, observou que essa peculiaridade vem, aliás, proporcionando uma contribuição muito intensa das pesquisas ali desenvolvidas na discussão das principais questões pedagógicas relativas, principalmente, ao ensino de 1.° e 2.° graus.

Um exemplo desse engajamento foi a participação do IEL na formulação da proposta curricular de língua portuguesa e na elaboração de técnicas de redação para o 2.° grau da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), órgão da Secretaria Estadual de Educação, em 1978. Também foram planejados e executados em conjunto pela CENP e Unicamp os programas do Projeto Ipê e dos treinamentos para monitores de língua portuguesa, ao longo dos últimos anos, todos trazendo até hoje a marca do empenho das potencialidades pedagógicas do IEL em inúmeros projetos que hoje são conhecidos por qualquer docente de língua portuguesa.

Acervos importantes, como o de Oswald de Andrade, estão no Centro de Documentação.

Norma Urbana Culta

Além do Departamento de Lingüística, o IEL — dirigido pelo professor Eduardo Guimarães — tem outros dois departamentos: o de Teoria Literária e o de Lingüística Aplicada. Na área de graduação, oferece cursos de bacharelado e licenciatura em Língua Portuguesa e bacharelado em Lingüística; na área de pós-graduação, as opções são mestrado e doutorado em Lingüística e Teoria Literária, e mestrado em Lingüística Aplicada. O Instituto reúne atualmente 95 professores, 53 funcionários, 244 alunos em graduação e 199 em pós-graduação. Das 100 teses defendidas no IEL, 70 são de mestrado em lingüística, cuja implantação é a mais antiga do Instituto. A produção intelectual dos departamentos é em parte escoada através da edição de revistas semestrais. Essas publicações, cujo quadro de colaboradores não se limita à Unicamp, são: "Remate de Males" — a edição mais recente é sobre a obra de Oswald de Andrade —, "Estudos Portugueses e Africanos", "Trabalhos em Lingüística Aplicada" e os "Cadernos de Estudos Lingüísticos". O IEL também abriga um importante Centro de Documentação com vários acervos, destacando-se o de Oswald de Andrade. Ali estão ainda arquivadas pesquisas altamente relevantes como as desenvolvidas na área de línguas indígenas, ou como o Projeto NURC (Norma Urbana Culta), trabalho do setor de Lingüística, coordenado pelo professor Ataliba de Castilho, que procura analisar os hábitos lingüísticos das populações cultas dos grandes centros urbanos.

Essa pesquisa foi realizada nos anos 70, nas cidades de São Paulo, Rio, Salvador, Recife e Porto Alegre, com o objetivo de descrever a língua portuguesa falada pelos brasileiros de formação universitária de cidades com mais de um milhão de habitantes. A análise vem se desenvolvendo sob a forma de grupos de trabalho com a participação de pesquisadores da USP, da Unesp e de diversas universidades federais. A pesquisa permitiu também à chefe do Departamento de Lingüística, a professora de teoria sintática e descrição do Português, Charlotte Marie Chambelland Galves, confirmar o resultado de observações que há anos vinha desenvolvendo: a gramática ensinada nas escolas não corresponde ao que as pessoas efetivamente falam, " e é preciso consciência disso por parte dos professores de 1.° e 2.° graus", acentuou, embora reconheça que chegar a um equilíbrio entre as duas formas seja difícil.

Mais antigo dos departamentos e célula formadora do IEL, o Departamento de Lingüística também desenvolve trabalhos de pesquisa e docência nas áreas da aquisição da escrita (um diagnóstico dos problemas que as crianças enfrentam ao passar da língua que falam para a linguagem escrita, oferecendo subsídios para adequações no ensino), da neurolingüística (relação entre fenômenos neurológicos e distúrbios da linguagem), da aquisição da linguagem (estudo do aprendizado da linguagem pelas crianças e que está sendo aplicado no tratamento de crianças surdas), da sociolingüística (estudo das variações dialetais que ocorrem no Português segundo faixas etárias, regiões e classes sociais), e da descrição e análise das línguas indígenas faladas no Brasil — das cerca de 200 línguas conhecidas, 25 estão sendo pesquisadas no Departamento.

Lingüística Aplicada

O ensino e a aprendizagem da língua materna, por sua vez, é a área de maior relevância do Departamento de Lingüística Aplicada, o último a ser implantado no IEL, em 1982. As pesquisas nesse setor, de acordo com Marilda Cavalcanti, professora de ensino e aprendizagem de leitura pós-alfabetização e chefe do Departamento, procuram oferecer subsídios à discussão e busca de soluções para os problemas potenciais e reais do contexto escolar (1.° e 2.° graus), enfatizando as áreas de alfabetização, leitura, produção de textos e análise de material didático. Uma segunda área de atuação, de resto a mais tradicional do Departamento, é a do ensino de língua estrangeira, cujas principais linhas de pesquisa são as de aquisição e aprendizagem de língua estrangeira, metodologia de ensino e análise de material didático. O Departamento orienta academicamente o Centro de Ensino de Línguas (CEL), que ministra cursos de praticamente todos os principais idiomas ocidentais e alguns orientais (Francês, Inglês, Alemão, Japonês, Russo, Hebraico, Espanhol e Português para estrangeiro). "O objetivo do CEL, porém, é apenas oferecer uma língua que possa auxiliar o acesso do aluno à literatura estrangeira. O Centro não forma professores nessas línguas", esclareceu Marilda.

Na área de tradução, a terceira da Lingüística Aplicada, as pesquisas procuram compreender o processo real de tradução, ou seja, as relações entre o texto "original" e o texto produzido, as relações entre autor e tradutor, entre tradutor e leitor, as relações entre o contexto original e o contexto de tradução, e suas implicações na formação efetiva de tradutores. De acordo com Marilda, um dos exemplos do prestígio internacional do Departamento que dirige foi a realização, em 1986, do I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada", que reuniu especialistas do Exterior. Evento semelhante será organizado no próximo ano.

Teoria Literária

Pesquisar a literatura africana de expressão portuguesa é uma atividade incomum nos departamentos de Teoria Literária de outras universidades, mas não no IEL. Além de desenvolver programas de pesquisa nessa área, o Departamento oferece cursos de teoria literária, literatura brasileira, portuguesa e literatura infantil. Marisa Lajolo enfatizou que no curso básico são problematizados os grandes temas ligados à ficção e à poesia, como forma de introdução dos alunos aos estudos literários. É a partir do segundo ano que passam a estudar literatura brasileira e portuguesa de maneira cronológica. Atualmente, os pesquisadores do Departamento organizam um arquivo inédito de memória de leitura, constituído de livros de leitura infantil. A importância do empreendimento, revelou Marisa, está no fato de que essa literatura é constantemente renovada pelas bibliotecas escolares — e, conseqüentemente, perde-se no tempo — e desprezada na pesquisa de outras universidades. "A preservação dos livros permitirá a pesquisa e o rastreamento da história da alfabetização e da leitura brasileiras", esclareceu.

Entre as linhas de pesquisa desenvolvidas no Departamento — incorporando, muitas vezes, alunos da pós-graduação — incluem-se o estudo da ficção brasileira contemporânea, a literatura anarquista, as relações entre literatura e ensino, as relações entre literatura e psicanálise, problemas de história literária, o romance brasileiro do século 19, novelas de cavalaria e a literatura medieval portuguesa. Há, também, um antigo projeto, que ainda amadurece, de abrir para uma integração sistemática da literatura e da cultura brasileira com a América Latina. Nessa direção, Antonio Candido e Ângel Rama, o já falecido ensaísta uruguaio, abriram um caminho fecundo que se desenvolveu através de seminários e cursos que o Departamento de Teoria Literária espera retomar num futuro próximo.

Carlos Vogt: artifício para vencer o tradicionalismo.

Eduardo Guimarães, atual diretor da Unidade.

Marisa Lajolo: pesquisas atendem necessidade do ensino.